

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Dezembro - 2019
Ano LXX - Nº 10
R\$ 6,00



A literatura na música de Cátia de França

"Meu trabalho é todo pautado em
escritores", afirma a cantora e compositora



GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2010

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



A devoradora de livros

Cátia de França é um patrimônio cultural do Estado da Paraíba. Da leva de artistas nordestinos que migrou para o Rio de Janeiro em busca de palco e holofote que impulsionassem uma carreira nacional – turma da qual faziam parte Zé Ramalho, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Alceu Valença, entre outros –, a cantora, compositora e instrumentista nascida em João estreou em disco em 1979, com um repertório embasado na obra do paraibano José Lins do Rego, do pernambucano João Cabral de Melo Neto e do alagoano Graciliano Ramos. Levava, portanto, a prosa desses baluartes da literatura brasileira, em especial nordestina, a flutuar pelos altos falantes e ondas de rádio.

Essa relação entre a música e a literatura na obra de Cátia de França deve ser estudada, esmiuçada e absorvida. Ao transpor textos dos

Ao transpor textos de José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto para suas letras, Cátia de França compõem a música de um Brasil profundo

autores citados no parágrafo anterior para suas letras, ela compõe uma música rica em cultura. Ao espelhar o imaginário da obra deles, dá ao seu cancionero um Brasil de raízes profundas.

A literatura na música de Cátia de França é algo que

ela assume com muito orgulho. Na reportagem que você irá ler nesta edição, fruto de um bate-papo repleto de memória e afeto com a artista, em uma tarde de dezembro em João Pessoa, ela detalha essa relação, vai até as origens de sua educação para revelar como surgiu o gosto pela leitura e aponta as referências literárias que estão impregnadas em suas letras.

Filha de uma professora de português e de um guarda de trânsito apaixonado por livros e música, Cátia cresceu cercada por livros. Na adolescência, descobriu os poetas e que para colocá-los em suas letras, afirma com o bom-humor que lhe é inerente, “precisa rolar um ‘engravidamento’”. “Eu costumava dizer isso, que quando eu leio uma coisa, eu engravidado dela”, afirma, aos risos.

O Editor
andrecananea2@gmail.com

índice



PERFIL

Escritor e historiador, Bruno Gaudência assina um perfil do poeta, escritor, compositor e ensaísta paraibano Braulio Tavares.



“LITERATURA PESSOAL”

Francisco Gil Messias analisa ‘Diários Intermitentes’, baseado nos diários de Celso Furtado.



DEPOIMENTO

O pensamento vivo do poeta goiano Salomão Sousa, em carta que escreveu ao colega paraibano Sérgio de Castro Pinto.



CINEMA

Canônicos: as listas da dobradinha ‘British Film Institute’ e ‘Sight & Sound’, analisadas pelo crítico de cinema João Batista de Brito.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

André Cananéia
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
José de Holanda
FOTO DA CAPA

A literatura NA MÚSICA DE Cátia de França

André Cananéa
editor do *Correio das Artes*

Meu trabalho é todo pautado em escritores. Eu não me inspiro porque a lua está assim ou assado, porque estou apaixonada ou estou sofrendo. É sempre um lastro, um alicerce que me dá credibilidade e me torna eterna". A frase é de Cátia de França, cantora e compositora e um dos nomes mais importantes da música paraibana de todos os tempos. Está escrita no site da artista (www.catiadefranca.com.br), quando o internauta acessa informações de um de seus discos, na aba dedicada à discografia dela.

"Para fazer essas músicas, eu tiro frases esparsas da obra desses escritores", explica a cantora, em entrevista exclusiva. Para ilustrar, puxa o livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e abre aleatoriamente uma página, a de número 100 da edição mais recente lançada pela

José Olympio, e lê um trecho: "'Menino só endireita no colégio'. Viu? Isso dá música, dá história para danado!"

No cancionário de Cátia, predominam inúmeras músicas inspiradas em textos de Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e Manuel de Barros, cujo *O Livro das Ignorâncias*, ela tem graças a uma permuta que fez com uma livraria do Recife: trocou por show e parcelou o restante em suaves prestações.

De José Lins do Rego, ela fez um disco inteiro, *No Bagaço da Cana / Um Brasil Adormecido*, lançado em 2012 em parceria com a Ca-

merata Arte Mulher, com músicas que ela compôs em 1975, baseadas nos cinco livros que compõem o Ciclo da Cana-de-Açúcar, escrito pelo autor paraibano.

"Zé Lins foi o primeiro que eu tive a ousadia de mexer", afirma. "Esse traslado da usina para o engenho, a vida no eito, na senzala, a vida no engenho mesmo, os meninos, os tangerinos, os tocadores de boi, a criadagem, esse universo sempre despertou em mim bastante curiosidade", acrescenta, antes de arrematar: "Eu acho *Menino de Engenho* o livro mais poético de José Lins. *Moleque Ricardo* é o mais político".



▶ José Lins está presente na música de Cátia desde o primeiro disco da cantora, *20 Palavras ao Redor do Sol* (1979). Embora seja um álbum com faixas predominantemente inspiradas na obra de João Cabral e Graciliano Ramos, é possível encontrar ali faixas como 'O Bonde', segundo ela, extraída do universo do autor de *Menino de Engenho*.

"'O bonde' é ele (José Lins) indo para o Recife, mas fiz pensando também na Rua das Trincheiras, em João Pessoa", confidencia. "Moleque no estribo: gritando, vaiando", diz um trecho da letra, em alusão ao famoso livro do escritor de Pilar. "Ei ala vai o bonde, Ei ala vai o bonde / Levando a sinhá, Coronel Zé Paulino e a filha mais nova...", é Cátia voltando ao livro, mais na frente.

Além de José Lins do Rêgo, são bem presentes no cancionário de Cátia de França João Cabral de Melo Neto e Graciliano Ramos, sobretudo nos dois primeiros álbuns, *20 Palavras...* e *Estilhaços* (1980). João Cabral está tanto na faixa-título do primeiro, quanto em 'Não há guarda-chuva', que fecha o repertório do disco e pega emprestada as primeiras linhas de praticamente cada estrofe do poema 'À Carlos Drummond de Andrade', do poeta pernambucano: "Não há guarda-chuva contra o poema / Não há guarda-chuva contra o amor / Não há guarda-chuva contra o tédio..." diz o início da letra.

Em 'Meu boi surubim', que está no segundo LP, ela mergulha nas cantigas de vaqueiro para costurar trechos de textos de Graciliano Ramos, a quem a letra é integralmente creditada. Para tornar a gravação uma obra impecável, Cátia de França ainda divide os microfones com Clementina de Jesus.

Manuel de Barros comparece em *Avatar*, primeiro disco que ela lançou em CD, em 1998. Com repertório formado, parte por releitura de antigos sucessos, parte por músicas então inéditas, ela registrou ali 'Rogaciano', 'Apuleio' e premiada 'Antoninha me leva' ("Antoninha e sua tapera / De um vão só pulsa o seu coração / Casarão, casarão, casarão...), todas inspiradas no poeta moto-grossense.



"Zé Lins foi o primeiro que eu tive a ousadia de mexer", afirma a cantora, que gravou um disco inspirado no *Ciclo da Cana-de-Açúcar*

"Ele escreve umas coisas na vertical que, mesmo quando não rima, tem um sentido belíssimo e por isso eu musiquei".

Para justificar a razão das letras de suas músicas extraírem versos de uns autores, e de outros não, ela diz que é uma questão de "engravidamento". "Eu costumei dizer isso, que quando eu leio uma coisa, eu engravidado dela", conta, entre risos. "É como se esses textos me escolhessem. Por exemplo, sempre ouvi as pessoas falarem muito bem de Florbela Espanca, mas ela nunca me chegou. Ai um dia, vi Fagner cantando (versos dela) e, de repente, estou em um hotel lendo o poema 'Eu', nessas agendas de final de ano que as empresas dão, e então musiquei-o", comenta, acrescentando que ela tem cantado a música, que se chama 'Eu', em shows, mas ela permanece inédita em disco.

DE SEBO EM SEBO

Cátia de França cresceu cercada por livros. Filha de um guarda de trânsito e de uma professora

de português, dessas que ensinavam em concursos para ingresso nas Agulhas Negras, ou no extinto vestibular, herdou dos pais o gosto pela leitura, tanto quanto da música. "Meu pai, Sebastião Higino Carneiro, gostava muito de ouvir Nelson Gonçalves, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Núbia Lafayette, mas gostava muito de ler e escrever também. Acho que por influência da minha mãe", comenta, acrescentando que costumava ser presenteada pelos pais com livros da coleção *Tesouro da Juventude* e títulos de Monteiro Lobato.

A mãe, dona Adélia de França Carneiro, tinha um zelo enorme com a biblioteca que ajudou a fundar na escola onde ensinava, na rua Almeida Barreto, no Centro de João Pessoa. O contato de Cátia com os livros veio daí, da Biblioteca Coelho Lisboa. "Meu pai, para mexer no livro, botava luvas. E não podia dobrar a folha para marcar as páginas não. Minha mãe endoidecia se fizesse isso", recorda Cátia.

Com o tempo, a cantora diz que começou, ela mesma, a formar sua própria biblioteca. "Eu ainda compro muitos livros em sebo", revela. Foi nessas buscas que ela chegou a Guimarães Rosa e Eduardo Galeano, por exemplo, além dos muito livros sobre o cangaço que ela colecionou ao longo dos anos.

Foi numa dessas incursões ao sebo - frequentou muitos em João Pessoa, Recife, onde chegou a morar nos anos 1990, e Rio de Janeiro, onde mora atualmente - que ela descobriu Henry Thoreau, poeta, naturalista e ativista que viveu no século 19 e deixou um livro que se tornaria a "bíblia" hippie: *Walden, ou A Vida nos Bosques*. Dessa obra, ela extraiu a inspiração para as canções que integram o disco *Hóspede da Natureza*, lançado pela cantora em 2017 (editado em vinil este ano).

"Eu nunca tinha ouvido falar (nesse escritor). Mas comecei a folhear, a cheirar... - porque eu adoro cheiro de livro novo - aí vi que lá pelo final, tinha o texto de *A Desobediência Civil* (do mesmo Thoreau), que é o livro que inspirou Gandhi a derrotar os ingleses na independência da Índia", ensina. ▶

▶ ALMOÇO COM JOÃO CABRAL

João Cabral de Melo Neto, ela não achou no sebo. Veio por outras vias. Em 1976, o cineasta Zelito Viana se preparava para rodar *Morte e Vida Severina* (que lançaria em 1977), baseado na obra do poeta. O diretor foi apresentado à Cátia pela filha de João Cabral, a também cineasta Inêz Cabral, e o encontro rendeu um convite para a cantora fazer uma rápida participação no filme. Em retribuição, o diretor presenteou a cantora com as obras completas de João Cabral. “Autografado e tudo”, acrescenta, orgulhosa.

Essa aproximação com Inêz Cabral, na época casada com o cenografista Régis Monteiro, ainda levaria Cátia de França a outros contatos, como com o filho do casal, o músico Sereno, mas nenhum tão especial quanto o próprio João Cabral de Melo Neto.

“Cheguei a almoçar certa vez na casa de João Cabral, numa determinada festa em algum momento dos anos 1980. Ele era muito sério, quase não ria. Mas nos recebeu bem. Acho que Inez deve ter elogiado meu trabalho para a gente poder chegar junto”, recorda.

POEMAS E CORDÉIS

Além de leitora compulsiva, Cátia de França escreve no mesmo ritmo. Além de uma gaveta abarrotada de canções inéditas, esperando ganhar vida através da voz serena e firme da paraibana, ela também guarda um relicário de poemas, cordéis e livros inéditos, alguns escritos há décadas.

“Com 15 anos, eu escrevia poemas. Muitos deles estão em um caderno, que ficou lá por Santa Rita”, afirma a cantora, lamentando que não sabe onde o caderno está. “Minha mãe sempre incentivou que eu escrevesse. Até arranhou um jornal de bairro para publicar meus poemas, que fiz quando era muito nova e tinha temas muito diversos”.

Em sua temporada em Pernambuco, ela chegou a escrever



Levada pela filha do poeta, Cátia de França chegou a almoçar com João Cabral de Melo, que inspira canções da paraibana desde o primeiro disco

uma série de seis codéis por encomenda para a prefeitura de Olinda. “Eles me pediram um sobre o social, outro sobre saúde, e assim eu fiz e vendia, cada um, a R\$ 2. O que mais saiu foi *A Peleja de Lampião Contra a Fibra Ótica*, conta, com os exemplares na mão, recentemente redescobertos.

Ela também coleciona livros inéditos que repousam no fundo da gaveta, a espera de uma oportunidade de ganhar as livrarias. Entre os rascunhos já concluídos, há um livro infantil com temática ecológica. “Tem também *Manual da Separação: Como Ficar Inteiro Depois Que o Casamento Acaba* e um livro sobre a minha mãe”, acrescenta.

E ainda tem uma série sobre Zumbi dos Palmares, que ela escreveu também quando estava

em Recife. “Começou com um livro que foi encomendado por uma ONG. Eu fui pesquisar e danei a escrever, e ao invés de um livro, saíram cinco. Aí eles disseram que não tinham dinheiro e o projeto foi engavetado”, revela.

Com tanta produção em casa, Cátia revela que tem vontade de escrever como escritora em 2020. E quem sabe, em um futuro próximo, ao entrar em uma livraria para abastecer a biblioteca que mantém em Serra da Raíz (RJ), onde mora há quase 20 anos, ela não dê de cara com um livro seu. ❖

André Cananéa é jornalista, com mais de 20 anos de atuação na imprensa escrita. Integrou os cadernos de cultura do *Correio da Paraíba*, *O Norte* e por 15 anos, editou o *Vida e Arte* do *Jornal da Paraíba*. Atualmente é o editor do *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa.

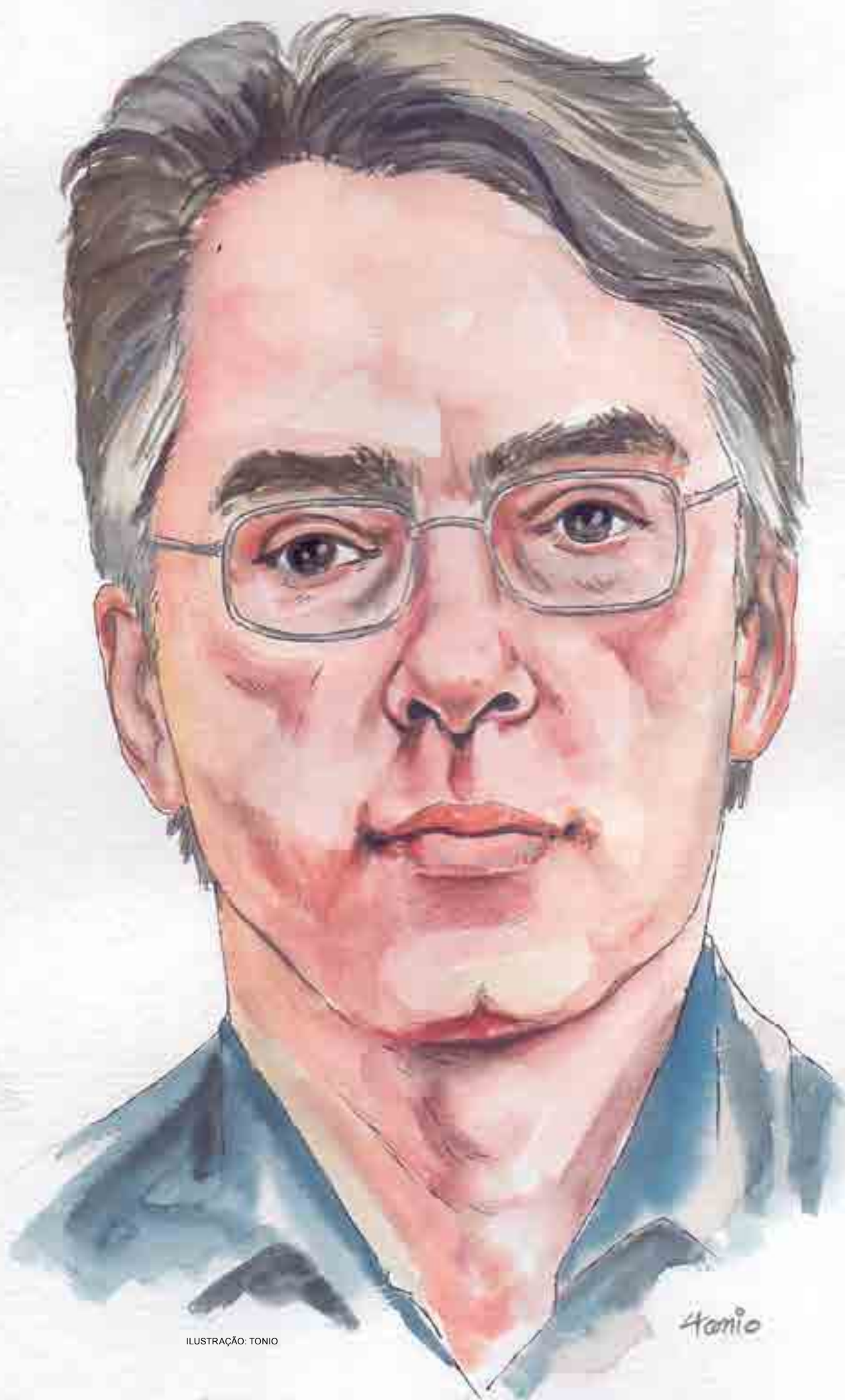


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Tonio

Braulio Tavares

Universos múltiplos de uma cultura literária

Bruno Gaudêncio

Especial para o *Correio das Artes*

Natural de Campina Grande, Paraíba, Braulio Tavares nasceu em setembro de 1950, filho do casal Nilo Tavares e Creuza Santa Cruz. Criou-se na área central da cidade paraibana, sendo um dos nomes mais dinâmicos de uma geração criativa e integrada as debates culturais e políticas de resistência ao período militar.

Acredito que ao aproximar-se dos seus 70 anos, Braulio Tavares se encontra no auge da sua produtividade artística e literária, embasado em um invejável autodidatismo que impressiona pela versatilidade, dedicando-se desde os anos 1970 as mais diversas linguagens, como a literatura, o cinema, o teatro, a música, o jornalismo, sempre com a mesma clareza, erudição e criatividade.

Na realidade essa versatilidade não é apenas reconhecida na prática da escrita, elaborando com excelência romances, coletâneas de contos, crônicas, poemas, compondo canções e roteiros cinematográficos ou teatrais; como também produzindo ensaios e pesquisas originais, dedicadas a temas como a cantoria, o cordel, a ficção científica, o cinema, entre outros.

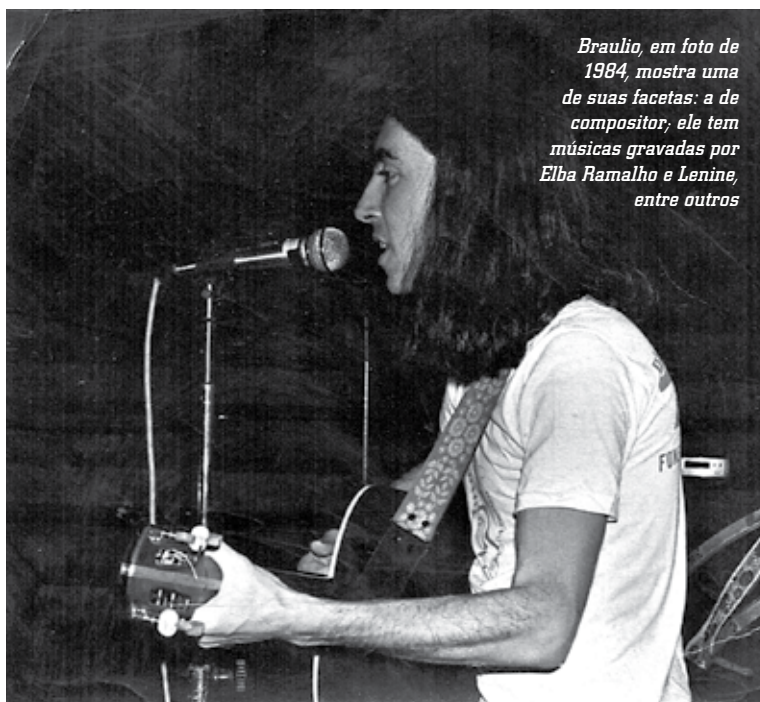
Contudo, mesmo sendo um autor multifacetado, é possível percebemos alguns interesses mais recorrentes em sua trajetória intelectual, como evidenciaremos a seguir neste curto ensaio. E isso, acredito, vem principalmente de sua vivência na infância e na adolescência em Campina Grande e seu “cosmopolitismo provinciano” presente nas décadas de 1950 a 1970, período em que a cidade paraibana produziu uma intensa concentração de artistas, através de festivais, coletivos e amostras, em conexão com

os principais eixos culturais do país. No seio desta produção, uma juventude antenada com as pós-vanguardas estéticas, mas também com as expressões culturais populares nordestinas.

Desta forma, é interessante observarmos como Braulio Tavares exemplifica bem a modernidade periférica de Campina Grande, cidade que teve a sua pujança econômica, ocorrida no auge do ciclo algodoeiro e das conexões com outros centros do mundo, devido à ferrovia e que nas décadas seguintes intensificou sua vocação comercial e industrial, mesmo em período de crises, - mantendo os traços da tradição popular, herdeira de um Nordeste profundo, que viu no planalto da Borborema uma terra de oportunidades.

E é neste “caldeirão cultural”, feito de uma diversidade de experiências e linguagens diversas, que vai do cineclubismo a cantoria de pé-de-parede, das revistas de pulp fiction a almanaques/folhetos de cordel, que se formou Braulio Tavares, como uma imagem e semelhança da inventividade de sua cidade natal.

FOTO: ARQUIVO JORNAL A UNIÃO



Braulio, em foto de 1984, mostra uma de suas facetas: a de compositor, ele tem músicas gravadas por Elba Ramalho e Lenine, entre outros

O UNIVERSO POPULAR NORDESTINO

Na produção literária de Braulio Tavares a tradição artística popular nordestina possui um papel fundamental. Tema que surgiu do interesse do autor graças a sua relação familiar, como bem explicou em entrevista realizada em 2008: *“Sou de uma família de poetas, pelo lado paterno. Meu pai me ensinou desde cedo (e à minha irmã, Clotilde) a decorar sonetos, além de regras básicas de métrica e rima. Ele sabia centenas de sonetos de cor, era capaz de recitar durante horas, quando juntava os amigos em casa para beber e tocar violão. Com 10, 11 anos de idade eu sabia de cor inúmeros poemas de Castro Alves, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac. Ler poesia lá em casa era mais ou menos como ver televisão nas casas de hoje em dia. Era uma atividade normal da família, e eu estranhava quando via que meus colegas de escola não sabiam as coisas que eu sabia. A partir dos 16 anos descobri Drummond, os modernistas, etc. Aos 20, comecei a me interessar pelo cordel e pelos poetas populares nordestinos. É tudo a mesma coisa.”*

Em mesma entrevista também frisou outra fase em sua vida, quando travou um contato mais próximo com os cordelistas e cantadores, na década de 1970: *“Entre 1972 e 1976, morando em Campina Grande, minha cidade natal (de onde saí algumas vezes) fiquei amigo de cantadores de viola, e ajudei a organizar o Congresso Nacional de Vileiros, um festival que acontecia todos os anos. Era a época em que havia no Brasil inteiro a produção chamada ‘poesia marginal’, ‘poesia independente’, ‘geração mimeógrafo’, etc. Eram poetas que publicavam seus livrinhos de maneira artesanal, e promoviam recitais. Eu achava que os poetas cariocas e paulistas estavam refazendo o caminho que os poetas populares nordestinos tinham feito na virada do século 20, a partir de 1890: se não é possível publicar livros de verdade, publiquem-se livros ‘alternativos’, e leve-se a poesia recitada para o meio da rua. O cordel surgiu assim.”*

Causos e personagens destes universos se apresentam recorrentemente em várias das suas crônicas, bem como em seus textos de ficções. Seu último romance deixa mais evidente essa predominância, *Bandeira Sobrinho: Uma Vida e*

Alguns Versos (IMEPH, 2018) é um romance biográfico dedicado ao cantor Bandeira Sobrinho, e o cenário das cantorias no interior nordestino. Porém é na poesia e no ensaio que essa predileção fica ainda mais manifesta.

Na poesia, Braulio Tavares publicou cerca de uma dezena de folhetos de cordéis, que misturam muitas vezes além de poemas canções compostas pelo autor entre as décadas de 1970 e 1980. Nos primeiros anos da década de 1980, por exemplo, podemos destacar os títulos *Cabeça Elétrica*, *Coração Acústico* (Casa Crianças de Olinda, 1981) e *Sai do Meio Que Lá Vem o Filósofo* (Universitária, 1982), além de outros títulos mais recentes em formato de livro como o seu *Os Martelos de Trupizupe* (Engenho da Arte, 2004), uma antologia poética de sua produção poética de 1972 a 2003.

Alguns dos seus cordéis também foram adaptados para o público infantil ou infanto-juvenil e publicados pela Editora 34, de São Paulo, a exemplo dos títulos *A Pedra do Meio-Dia ou Artur e Isadora* (Editora 34, 1998), *O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamilen* (Editora 34, 2006), *A Invenção do Mundo pelo Deus-Curumim* (Editora 34, 2008), vencedor do Prêmio Jabuti, categoria infantil, em 2009, juntamente com Fernando Vilela, e *O Poder da Natureza* (Editora 34, 2013).

No ensaio Braulio Tavares procurou problematizar e muitas vezes teorizar, principalmente sobre a cantoria e o folheto de cordel, a exemplo dos livros *Cantoria: Regras e Estilos*, inicialmente lançado em formato de folheto (Casa das Crianças de Olinda, 1982), e depois ampliado com o título de *Arte e ciência da Cantoria de Viola* (Bagaço, 2016). Um projeto que pretende ser realizado em três tomos, em um longo ensaio teórico e didático.

Quase na mesma linha temos: *Contando Histórias em Versos; Poesia e Romancero Popular no Brasil* (Editora 34, 2005) e *ABC de Ariano Suassuna* (José Olympio, 2007), - o primeiro um estudo atento sobre a tradição do romancero nordestino; o segundo um ensaio sobre o universo de Ariano Suassuna, no ano comemorativo dos 70 anos do escritor; em prosa, porém no formato na tradição dos ABC's nordestinos.



Livro com cordéis ilustrados por Fernando Vilela, 'A Invenção do Mundo pelo Deus-Curumim' de Braulio Tavares o Prêmio Jabuti na categoria infantil

Na poesia, Braulio Tavares publicou cerca de uma dezena de folhetos de cordéis, que misturam muitas vezes além de poemas canções compostas pelo autor entre as décadas de 1970 e 1980

O UNIVERSO DA FANTASIA

Braulio Tavares é reconhecido nacionalmente como um escritor dedicado ao universo da ficção científica e da literatura de fantasia. Tais predileções surgidas do contanto com coleções de revistas de quadrinhos e filmes consumidos pelo jovem em Campina Grande, foram sendo ampliadas com uma gama enorme de leituras, advindas principalmente de traduções e por uma rede de sociabilidades impressas no ápice da chamada literatura marginal.

Já nos anos 1980, publicou e traduziu uma série de contos, artigos e ensaios sobre o tema, ao ponto de ser convidado para escrever o livro *O Que é Ficção Científica* (Brasiliense, 1986), presente na famosa *Coleção Primeiros Passos*. Três anos depois, venceu um das maiores premiações da ficção de língua portuguesa, o *Prêmio Caminho de Ficção Científica*, o que fez publicar pela importante editora portuguesa a sua aclamada coletânea de contos *A Espinha Dorsal da Memória* (Caminho, 1989).

A boa acolhida fez publicar o também reconhecido *Mundo Fantasma* (Caminho, 1994). As duas coletâneas acabaram reunidas e publicadas no Brasil pela Editora Rocco, em 1996. Em 1994, Braulio Tavares publica o seu primeiro romance, *A Máquina Voadora* (Rocco). Mais recentemente, voltou a publicar ficções dentro deste universo da fantasia, reunindo a sua produção de contos de 1979 até recentemente, no título *Fanfic* (Patuá, 2019).

No ensaio podemos ainda enumerar, além do já citado *O Que É Ficção Científica* (Brasiliense, 1986), o estudo dedicado ao clássico filme de Luis Buñel *O Anjo Exterminador* (Rocco, 2002); e ensaios mais curtos como *O Rasgão no Real* (2005) e *Pulp Fiction de Guimaraes Rosa* (2008), lançados pela editora paraibana Marca da Fantasia.

Entretanto, nos últimos 15 anos, Braulio evidenciou-se também como um brilhante antologista. Entre 2003 e 2014 organizou quase uma dezena de antologias de contos fantásticos, a maio-

ria publicada pela editora Casa da Palavra. São elas: *Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros* (2003), *Contos Fantásticos no Labirinto de Borges* (2005), *Contos Obscuros de Edgar Allan Poe* (2006), *Freud e o Estranho: Contos Fantásticos do Inconsciente* (2007), *Páginas do Futuro: Contos Brasileiros de Ficção Científica* (2011), *Contos Fantásticos: Amor e Sexo* (Imã, 2011), *Sete Monstros Brasileiros* (2014) e *Detetives do Sobrenatural: Contos Fantásticos de Mistério* (2014).

FOTO: ARQUIVO JORNAL A UNIÃO



Braulio é reconhecido como um escritor dedicado ao universo da ficção científica e da literatura de fantasia

A SINTÉSE DE UM UNIVERSO MÚLTIPLO

Evidenciamos um recorte a partir da produção literária de Braulio Tavares, não sendo possível infelizmente destacar a sua produção como tradutor (Nesta esfera traduziu autores com W.H. Wells e Raymond Chandler), roteirista de séries, filmes

e peça teatrais (como a recente e premiada *Suassuna: o auto do Reino do Sol*), ou como compositor celebrado com canções gravadas por Elba Ramalho, Antônio Nóbrega, Mestre Ambrósio, Lenine, Silvério Pessoa, entre outros.

Porém, toda essa versatilidade e multiplicidade de interesses artísticos pode ser ainda mais exemplificado como cronista durante últimas duas décadas, Braulio Tavares demonstrou em uma espécie de enciclopédia todos os temas que o mobilizam enquanto intelectual. Inicialmente publicadas em jornais e revistas, a maioria presente em sua concorrida coluna do *Jornal da Paraíba*, alcançaram ao longo da última década um público maior, através de seu blog (*Mundo Fantasma*). Deste farto material, o autor publicou quatro coletâneas de crônicas *A Nuvem de Hoje* (Latus, 2011), *A Arte de Olhar Diferente* (Hedra, 2012), *A Idade da Ignorância* (Latus, 2013) e *78 Rotações* (Novas Escribas, 2015).

Desta forma, fica evidente que Braulio Tavares é um dos escritores mais criativos, prolíferos e versáteis da literatura brasileira. Auto-titulado “Raio da Silibrina”, expressão enigmática, muitas vezes confundida como uma expressão que lembra “o cão chupando manga”, Braulio Tavares é realmente um raio, porém, diferentemente do fenômeno natural, sua luz e sua força não são circunstanciais, pois estão sempre presentes através da sua bárbara lucidez. Sua energia permanece continuamente, refletindo com a limpidez tão necessária sobre aspectos da nossa cultura. Um elo de ânimo e rigor, que a todos orgulha enquanto paraibano, nordestino, brasileiro.

Bruno Gaudêncio é escritor e historiador. Como poeta publicou cinco livros, entre eles *A cicatriz que canta o incêndio da raiz* (Moinhos, 2018). Mora em Campina Grande (PB).

◆ Lançamento

Sobre os 'Diários' DE CELSO FURTADO

Francisco Gil Messias
gmessias@reitoria.ufpb.br

A leitura dos *Diários Intermitentes*, de Celso Furtado, livro organizado por sua viúva Rosa Freire D'Aguiar e publicado recentemente, é fundamental para se conhecer mais de perto não só o economista, mas o homem que, nascido na paraibana Pombal, em 1920, ganhou o mundo como um dos mais respeitados economistas do século 20. Essa é uma das importâncias desse gênero, também chamado de "literatura pessoal", que abrange, além dos diários, as confissões, as autobiografias, as



FOTO: DIVULGAÇÃO



Viúva de Celso Furtado, Rosa Freire D'Aguiar (acima) organizou a obra com textos extraídos dos diários do marido, o que dá ao leitor uma oportunidade única de aproximar-se do retraído economista paraibano

▶ memórias e as correspondências. Em qualquer dessas variantes, tem-se sempre o autor, ou autora, em primeira mão, em presumida autenticidade, o que, em tese, muito as valoriza como retratos fidedignos da história, do pensamento e da personalidade de quem as escreve. No caso desses diários, tratando-se o diarista de personagem pouco dado a extravasamentos pessoais, notoriamente cioso de sua privacidade, é dada ao leitor uma oportunidade única de aproximar-se do retraído autor, falecido em 2004.

O professor João Antonio de Paula, da UFMG, em seu competente prefácio, ao discorrer sobre a chamada “literatura pessoal”, afirma que nesse gênero não é raro observar-se “uma espécie de dupla perversão: o exibicionismo de quem relata e o voyeurismo de quem lê”. Particularmente, quanto aos diários ora tratados, posso arriscar-me a fazer as seguintes considerações iniciais: não identifiquei nenhum exibicionismo ostensivo por parte do autor, no sentido de engrandecer-se e de colocar-se no centro dos acontecimentos, mas, pelo contrário, uma austeridade e uma contenção quase monásticas, limitando-se o diarista a expor, de forma quase sempre sintética e modesta, suas impressões sobre fatos de que participou e pessoas que conheceu ao longo de sua rica existência. Muito pouco o autor fala sobre si mesmo enquanto indivíduo privado, o que ele próprio admite na entrada datada de 26.12.79, quando escreve: “Não é de meu gosto botar no papel reflexões íntimas”, abrindo exceção, nessa mesma entrada, para registrar seu feliz encontro com R. (Rosa Freire D’Aguiar), com quem passou, a partir daí, a dividir sua vida até o final.

Ainda a esse propósito, é de registrar-se a total ausência, ou quase, nos diários, de anotações sobre momentos descontraídos e de puro lazer, sobre situações engraçadas, ou curiosas enfim, em que se veja o autor em alguma medida despido do rigor ascético com que parece ter levado sua vida. Não há uma boa risada, um comentário jocoso, uma piada, uma simples e descompromis-

sada apreciação gastronômica ou étlica, nada que confira ao texto um certo sabor mundano, tão caro aos leitores desse tipo de literatura, sem que isso, naturalmente, signifique, por parte desses leitores, exclusivo apreço por focos ou frivolidades, o que nos leva a abordar o voyeurismo de que fala o prefaciador.

Sim, do pecado do voyeurismo não há de escapar nenhum leitor de “literatura pessoal”. E aqui, falo por mim e certamente por todos os amantes de diários, confissões, autobiografias, memórias e correspondências. Não há como negar. Será uma perversão? Que seja. Certamente é. Mas que fazer? Pois como resistir à humana curiosidade sobre a miudeza que também faz parte da vida de qualquer um, por maior que seja o(a) personagem? Como não saborear, por exemplo, a inútil ciência de que Churchill levantou-se nú da banheira em que tomava banho, sem nenhuma cerimônia, para receber Roosevelt, seu anfitrião na Casa Branca, durante a Segunda Guerra Mundial? Como também não achar graça nas pequenas (e grandes) maledicências anotadas por Humberto de Campos sobre seus colegas imortais da Academia? Impossível. Nem os mais empedernidos ascetas se privariam de tal pequeno prazer. Até porque, sem essas quinquilharias, não se pode ter ideia do retrato completo de ninguém. Mas decepção é o que espera o “voyeur” que se debruça sobre os diários de Celso Furtado, no que se refere ao que há de miúdo e de banal em sua vida. Nenhuma distração, nenhum mundanismo, nenhuma frivolidade ali se vê. Os seus são, sem dúvida, diários sérios, austeros, mas, por outro lado, não aborrecidos, tediosos, diga-se de passagem. Mesmo abrindo mão do pitoresco, o diarista consegue manter, do começo ao fim, o interesse do leitor, e mais ainda do leitor paraibano, este naturalmente em melhor condição de apreciar as entradas referentes à Paraíba e aos personagens locais.

Chamaram-me a atenção algumas passagens dos diários, as quais, em parte, comentarei a se-

guir, do meu ponto de vista pessoal, é claro. Cada leitor da obra terá sua atenção voltada para o que for mais de seu interesse particular. Por não ser economista, as questões mais propriamente técnicas interessaram-me menos que outras, o que é normal. Mas num livro desses, o bom é isto: a pluralidade de aspectos, os quais, reunidos, formam um conjunto revelador. Vamos lá!

Exatamente na primeira entrada do diário, escrita em João Pessoa e datada de 26.7 a 5.8.1947, portanto quando o autor tinha apenas 17 anos de idade e estudava no Liceu Paraibano, temos a seguinte anotação: “... Conversei até meia-noite com Jamil, Fernando Falcão e Cláudio Santa Cruz a respeito do individualismo e do socialismo.”. Destacarei dois pontos sobre esta anotação: Primeiro, a precocidade dos jovens de antigamente quanto ao interesse por assuntos mais sérios. Aqui temos três adolescentes discutindo sobre temas fundamentais, o que nos remete a Joaquim Nabuco já se correspondendo, aos 15 anos de idade, com Machado de Assis. O diarista não esclareceu a sua opinião e a dos colegas sobre o assunto debatido naquela noite, o que seria importante para se ter uma ideia das tendências filosóficas e políticas dos três jovens. Arrisco-me a dar um palpite de que Furtado, naquele momento, provavelmente deve ter defendido o individualismo, tendo em vista que logo a seguir, em 1938, apresentou no colégio Ginásio Pernambucano, em Recife, uma dissertação, segundo Rosa D’Aguiar, em defesa do liberalismo, intitulada “Liberalismo econômico”. Vejam só! Segundo, uma observação feita por Wilson Marinho de que nunca ouviu de Cláudio Santa Cruz qualquer referência a essa conversa noturna com Celso Furtado, mesmo quando a celebridade deste já levava alguns a declarar supostas e oportunistas intimidades com ele, modéstia que depõe a favor de Santa Cruz, que era mesmo uma pessoa simples e sábia, despida de tolas pretensões, segundo a imagem que dele formei, ao longo de nossa convivência profissional. ▶



Aos 25 anos, a bordo de um navio para Itália, Celso Furtado escreveu: "Se eu chegar a ser um homem excepcional, no futuro, isto não constituirá surpresa para mim mesmo"

▶ Outra entrada interessante desses tempos iniciais é a feita no Recife em 20.8.38 e que diz muito afirmativamente: "Quero registrar hoje, aqui, uma ideia que há tempo venho acariciando: escrever uma História da Civilização Brasileira. ... Vejo dentro de mim todo esse monumento isento de facciosidade, de paixões: a História de uma Civilização.". Vemos aqui um dos projetos acalentados desde cedo por Furtado: uma grande obra que pensasse e interpretasse o Brasil, de forma completa. Se ele não chegou propriamente a escrever um livro com aquele título e com aquela abrangência grandiosos, não se pode deixar de reconhecer que, no conjunto de sua produção intelectual, não ficou longe de sua intenção juvenil, principalmente, creio, com seu clássico *Formação Econômica do Brasil*.

Já no Rio de Janeiro, em 22.4.44, escreve uma rara confissão íntima: "É imenso o papel que o sensualismo desempenha na minha vida. O meu principal órgão sensual são os olhos. Nunca consegui me privar de olhar uma mulher. Entretanto, 9/10 das mulheres causam-me antes aborrecimento, mesmo a um simples olhar.". Aqui, temos o velho duelo entre Apolo e Dioniso, normalmente presentes os dois em nossas vidas, com maior ou menor preponderância de um ou de outro em nossa personalidade e nossa maneira de ser. Em Furtado, pelo que se vê nos diários, parece dominar Apolo, face o viés ascético de seus hábitos, face

o claro rigor com que conduziu suas vidas pessoal e profissional. Mas aí aparece, sorrante, através do olhar, o insinuante e matreiro Dioniso, trazendo um pouquinho de humanidade e de sabor àquela vida aparentemente devotada quase que apenas ao intelecto. Imagino que esta anotação deve ter causado particular satisfação a Rosa Freire D'Aguiar, incluída que foi no 1/10 das mulheres que não aborreceram o exigente diarista.

Em 21.2.45, a bordo do navio que o conduzia à Itália, como membro da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Segunda Guerra Mundial, ele explicita a confiança que já tinha, aos 25 anos de idade, em seu potencial: "... se eu chegar a ser um homem excepcional, no futuro, isto não constituirá surpresa para mim mesmo.". Profeta de seu destino, o diarista cumpriu brilhantemente sua profecia, proeza ao alcance de poucos.

Já em Paris, em 14.4.47, anota sua primeira impressão sobre De Gaulle: "Qualquer coisa lembra Getúlio nesse homem. Ele pretende ignorar esquerda e direita, falar em nome de um 'interesse

nacional', ser o 'pai da pátria'.". Muita perspicácia nesta observação. Em pleno pós-guerra, com De Gaulle ainda incensado como o libertador da França, o herói nacional por excelência, seria natural que se visse a si mesmo como o "pai da pátria", acima dos partidos e das facções. Aliás, pelo que li sobre ele, creio que o estadista francês nunca deixou, em tempo algum, de enxergar-se dessa maneira, até a morte.

Em 24.5.59, em Natal, um belo aforismo: "A sinceridade também é uma forma de demagogia". Logo depois, ainda na capital norte-riograndense, manifesta expressamente seu desencontro com D. Hélder Câmara, chamando-o de "autêntico tartufo" e de "padre malfazejo". Essa divergência com o célebre religioso foi séria e estendeu-se no tempo. Quem diria.

Ao discorrer sobre Roberto Campos, no Rio, na entrada datada de 14.6.59, escreve uma constatação: "Ao passar da atitude crítica para a operativa, um economista bem formado dificilmente poderá evitar uma involução para a ortodoxia.". Temos aí, em outras palavras, a velha realidade da vida e da política que, no poder, costuma transformar revolucionários em conservadores e, não raro, em conservadores cruéis. Na mesma entrada, sobre Hélio Jaguaribe: "Mas este deixou-se desviar para as atividades privadas, ligou-se a grandes grupos financeiros, e se não mudou de ideias pelo menos perdeu a confiança de muitos.". Em outras anotações feitas ao longo dos diários, fica evidente que Furtado não tinha Jaguaribe em boa conta; achava que este último se superestimava imodesta e imerecidamente.

Em 6.7.59, ainda no Rio, a mesma confiança em si: "Se me derem as armas eu chegarei aonde quero, e tenho fé em que mudarei o curso das coisas no Nordeste.". Como se sabe, as armas lhe foram tiradas pela elite política e econômica nordestina, eterna beneficiária da 'indústria das secas', e o Nordeste continuou e continua a ser o de sempre.

Ainda nessa tecla, em 11.10.59: "Seria totalmente impossível ▶

▶ realizar uma reforma administrativa do tipo da que pretendemos se as decisões últimas dependessem dos homens públicos do Nordeste.". Sem comentário.

No Rio, em 8.3.60, sobre Juscelino: "Dá a impressão de sentir tanto prazer quanto uma criança, em face do que realizou.". E ainda: "É extraordinário esse Juscelino.". Também sem comentário.

Aqui, datada de 12.8.60, em Paris, uma anotação sobre a capital francesa de interesse particular dos paraibanos: "Impressiona-me como esta cidade vive dentro de mim. Nem minhas recordações de infância e primeira mocidade, na Paraíba, calaram tão dentro de minha alma como o período que aqui vivi como universitário.". Bom saber que marcou fundo em Furtado a fase inicial de sua vida vivida entre nós. A mim, ele sempre pareceu distante e desinteressado da terra natal, até mesmo frio, o que contribuiu para restrições pessoais que lhe fazia, até a leitura reveladora de seus diários, mostrando-me que o homem não era bem assim. Eis a importância da "literatura pessoal".

Em 1.9.1964, já no exílio, em New Haven, mais uma revelação íntima, de grande significado: "A consciência de abandono, de ter sido 'enjeitado', de não ser filho dos meus pais, de ser o mais 'preto' da família, perdurou em mim durante toda a infância. As causas últimas disso são evidentemente irreconstituíveis.". Por estas e por outras confissões, sabe-se que para Furtado foram difíceis suas relações com os pais. Ressentiu-se ele, por toda a vida, da carência de afeto explícito por parte da mãe e do pai.

Contaram-me que, quando do centenário de nascimento deste, Maurício Furtado, que fora membro de nossa APL, Luiz Augusto Crispim, então presidente da entidade, convidou Celso Furtado, então ministro da Cultura, para estar presente na homenagem ao seu genitor, ao que teria respondido o economista: "O senhor acha que tal evento comportaria a presença de um ministro de Estado?". Não sei se tal fato aconteceu de verdade. Mas tenho-o

como plenamente possível, à vista dos antecedentes.

Ainda em New Haven, em 2.6.65: "Na nossa sociedade ninguém se dedica a pensar os problemas do futuro e por isso o presente está sempre nos surpreendendo.". Sem comentários.

Em Cambridge, em 31.5.74, uma explícita confissão de modéstia: "Cada vez penso mais na inutilidade, ou melhor, na 'insignificância' de tudo que fiz.". Também sem comentários.

Em Tambaú, em 19.7.74, uma anotação sobre o imponente edifício-sede da Sudene, no Recife: "Nunca me passou pelo espírito a construção de um edifício como este, com requintes de Nações Unidas, para tratar de uma região tão pobre.". Realmente. Lembrou-me esta entrada dos lautos jantares que promovem certos intelectuais para tratar dos que passam fome.

No Rio, em Soberbo, datada de 2.8.76: "Demais, mamãe nunca exteriorizou afeto.". Sem comentário.

Em João Pessoa, em 12.12.81, uma observação sobre o pessoal ligado à Igreja católica: "... com frequência tem uma visão maniqueísta. A tendência é a de imaginar que o socialismo 'real' é um grande avanço, que ali 'todo mundo tem emprego e come'.". Sem comentários.

Sobre os paulistas em relação ao Nordeste, no Rio, em 18.7.84: "O debate do grupo encaminhou-se para o Nordeste. É impressionante como os paulistas não têm nenhuma sensibilidade para esse problema.". Bom, nós, nordestinos, concordamos totalmente com essa observação sobre a notória indiferença dos paulistas às nossas dificuldades, paulistas esses que, salvo exceções, costumam tratar-nos como sub-raça.

Sobre Tancredo Neves, no Rio, em 23.1.85: "A sorte é que ele tem compromissos com coisas fundamentais e é um homem honrado.". Furtado compreendeu as dificuldades de Tancredo para

compor sua equipe de governo, face as pressões que recebia de todos os lados, muitas delas pouco republicanas, bem como a delicadeza política do momento de transição para a democracia então vivenciado.

Uma de suas derradeiras anotações, no Rio, em julho de 2000, traduz e sintetiza sua crença como pensador e como economista que tanto se preocupou com a pobreza brasileira e mundial: "O verdadeiro desenvolvimento se traduz em investimento no homem."

Para finalizar estas observações sobre os diários de Celso Furtado, registro duas omissões, certamente voluntárias, e uma frustração, esta naturalmente além da vontade do diarista. Primeira omissão: nenhuma palavra sobre a morte inesperada e traumática de Tancredo Neves, a quem Furtado foi próximo, principalmente nos dias anteriores e posteriores à eleição do mineiro para a presidência da República. Segunda: silêncio completo sobre o Plano Real, de 1994, que acabou com a hiperinflação no Brasil e conferiu um longo período de estabilidade à nossa economia.

Quanto à frustração, esta talvez seja a maior da vida do diarista: não ter escrito um romance, desejo acalentado desde a mocidade. E aqui fica a questão: perdemos o romancista foi o preço a pagar para termos o grande pensador econômico? No final, ganhamos ou perdemos? Impossível saber. O certo é que com seu talento, sua bagagem intelectual e sua sensibilidade Furtado teria sido um romancista de valor, talvez intimamente mais realizado do que foi como economista, já que praticamente não teve a alegria de ver suas teorias postas em prática.

Há muito que se agradecer a Rosa Freire D'Águia a iniciativa de recolher, organizar e publicar os diários de Celso Furtado, os quais, se perdidos ou não dados à luz, muito fariam falta ao Brasil e ao mundo. ❖

Francisco Gil Messias é Procurador Federal aposentado. Publicou três livros: 'Olhares' e 'A Medida do Possível', ambos de de poemas, e 'Um dedo de prosa', coletânea de crônicas. É colaborador habitual do *Correio das Artes*. Nasceu e vive em João Pessoa (PB)



O inclassificável Lêdo Ivo

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

Tornei-me um admirador crescente da poesia de Lêdo Ivo (1924-2012) desde que a ela tive acesso através da leitura do excepcional livro intitulado *Curral de Peixes*, no qual encontramos as sobranter virtudes de um artista da palavra verdadeiramente exímio. Mobilizando, à luz do que preconizou Ezra Pound em seu clássico livro *ABC da Literatura*, com acurado equilíbrio e pleno domínio do ato/processo da criação literária, os vetores da imagem, do ritmo e da ideia, Lêdo Ivo, em toda a sua variada e polimórfica obra estética, sempre se moveu na corda bamba das mais paradoxais percepções da existência humana, daí a inclassificabilidade visceral da sua fascinante poética, tanto assim que, frequentemente, o criador de *Ninho de Cobras* desdenhava dos que, unidimensional e reducionista, intentavam enquadrá-lo em determinadas grades conceituais.

Em toda a sua variada e polimórfica obra estética, alagoano sempre se moveu na corda bamba das mais paradoxais percepções da existência humana, daí a inclassificabilidade visceral da sua fascinante poética

► Por esse patamar, Lêdo Ivo se confessava o resultado de todos os olhares hermenêuticos, que sobre a sua obra eram frequentemente lançados pela crítica literária especializada do Brasil. Para muitos, ele era a expressão mais incontestável do ceticismo radical, negador de toda e qualquer possibilidade de aceitação da realidade da transcendência. Para outros, ele era o agônico agnóstico, aquele que em *Plenilúnio* confessou: “Ainda não desisti de encontrar Deus”. Para outros tantos, ele era, relembrando uma das facetas mais recorrentes na poética de Manuel Bandeira, o poeta visceralmente mergulhado no coração do cotidiano. Outros ainda o viam com a cartografia das meditações metafísicas mais pungentes e dolorosas acerca da condição humana. E por aí seguiam os discursos recepcionais sobre uma obra literária verdadeiramente pluridimensional, êmula contra toda e qualquer tentativa de enquadramento nesta ou naquela grade conceitual mais previsível e demarcada.

Do ponto de vista formal, por exemplo, Lêdo Ivo consorciou poemas minimalistas com versos polimétricos, transgressores, avessos a qualquer padrão convencional; versos cheios de “prestidigitação verbal e impregnados de torrencialidade bíblica”, conforme acertadamente pontuou o poeta e ensaísta Ivan Junqueira no primoroso prefácio que escreveu para a *Poesia Completa* do mestre alagoano, publicada pela editora Toopbooks em harmonia com a Academia Brasileira de Letras, da qual Lêdo Ivo era membro efetivo. Tal torrencialidade bíblica, roçante por vezes do desgarramento formal mais alentado, foi uma das marcas seminais dos poemas que Lêdo Ivo enfeixou em sua obra de estreia: *Imaginações*.

No plano conteudístico, por sua vez, a coreografia de contrários constituiu-se em sua marca indelével, na corporificação de uma lírica que transitou por vários territórios epistemológicos, ao mesmo tempo em que não transigia com nenhuma cosmovisão que se pretendesse dogmática e totalizadora na compreensão a ser exibida acerca da complexidade da existencialidade humana.

Assim, Lêdo Ivo foi telúrico e cosmopolita; corrosivo e cultivador de esperanças possíveis para a errática traves-

sia humana; ecológico e radicalmente inserido no coração da cidade frenética e pluralmente moderna; cético ao extremo e, ao mesmo tempo, confessando sem reservas: “Ainda não desisti de encontrar Deus”, conforme já pontuamos anteriormente. Metafísico em muitas das suas formulações líricas, e coloquial na retratação microscópica da vida que escorre, diria Antonio Candido, “ao rés do chão”.

Em todos esses patamares assumidos e simultaneamente negados pela polisêmica poética de Lêdo Ivo, o matiz da corrosão vai sendo espraiado por todos os vocábulos, cenas e cenários urdidos pelo magistral poeta dos mangues e dos caranguejos.

Contudo, o que impede que tal perspectiva confira à poesia de Lêdo Ivo o traço frio e arrasador do puro niilismo, beco sem saída e desesperador de uma existência simplesmente vocacionada para a morte e inteiramente destituída de qualquer vestígio de *teleologia*, é a presença sempre ostensiva de um humor cortante e de uma refinada ironia, sempre pródigos em rir de tudo, até das suas próprias descrenças.

É exatamente nesse instante que o peso excessivo de angulações filosóficas graves dissolve-se na leveza aliciante de quem sabe transmutar em comicidade o que, em sua ontologia íntima, já vinha impregnado com o saber e o sabor das realidades trágicas. Um dos mais autênticos homens de letras do país, Lêdo construiu um amplificado sistema literário, dentro do qual coabitam praticamente todos os gêneros literários que emblematizam o panorama da república das letras: poesia, crônica, conto, novela, romance, crítica, memórias, tradução, literatura infantil, nada ficou de fora do desbordante universo de interesses estéticos que teceu e desteceu os fios subterrâneos da portentosa obra estética produzida pelo magistral criador de *Confissões de um Poeta*.

Clássico e moderno ao mesmo tempo, Lêdo Ivo configura-se numa das maiores expressões da poesia brasileira do século vinte, cuja inclassificabilidade é senha vigorosa de sua pujança, aliás, já o proclamava o mestre criador de *Ninho de Cobras*: “desconfiai dos que tudo aceitam, explicam e compreendem. A incompreensão é um ingrediente da inteligência”. ❖

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

Cantigas de Hildeberto



Tentar dar voz à mulher, fazer falar as suas ânsias, desejos, dores e frustrações, a partir da boca de uma mulher, não é novidade no processo da criação literária. Eurípides, entre os gregos; Ovídio, entre os

romanos; as cantigas de amigo, no galego-português... Hildeberto faz uma incursão neste terreno escorregadio, escrevendo doze poemas, cujo eu-lírico é uma mulher, a que deu o título de *Doze Cantigas de Amigo*. Todo esse processo não é fácil, porque os homens, por melhor que eles tentem representar o universo feminino, sempre falham, deixando escapar nas entrelinhas do que escrevem, ou de maneira explícita, a sua visão de homem sobre a mulher, embora até consigam ser poéticos. Não há como não ver, por exemplo, a dimensão trágica, portanto, dolorosa de Hécuba, das Troianas, de Ifigênia, nos textos homônimos de Eurípides. Não há quem não se emocione com as cartas das mulheres a seus homens distantes, falando de suas saudades, de suas dores e aflições, como vemos nas *Heroides* de Ovídio. Mas em que pese o poético ali existente, não se pode negar também a existência de uma filtração dessa psiquê, através do universo do homem.

Há poesia no texto de Hildeberto? Certamente, e o leitor poderá comprovar com a publicação dos textos, de que extraímos uma pequena prova, que se encontra na 'Cantiga I', em que a mulher fala de sua decepção, diante do aborto espontâneo:

FOTO: EDSON MATOS

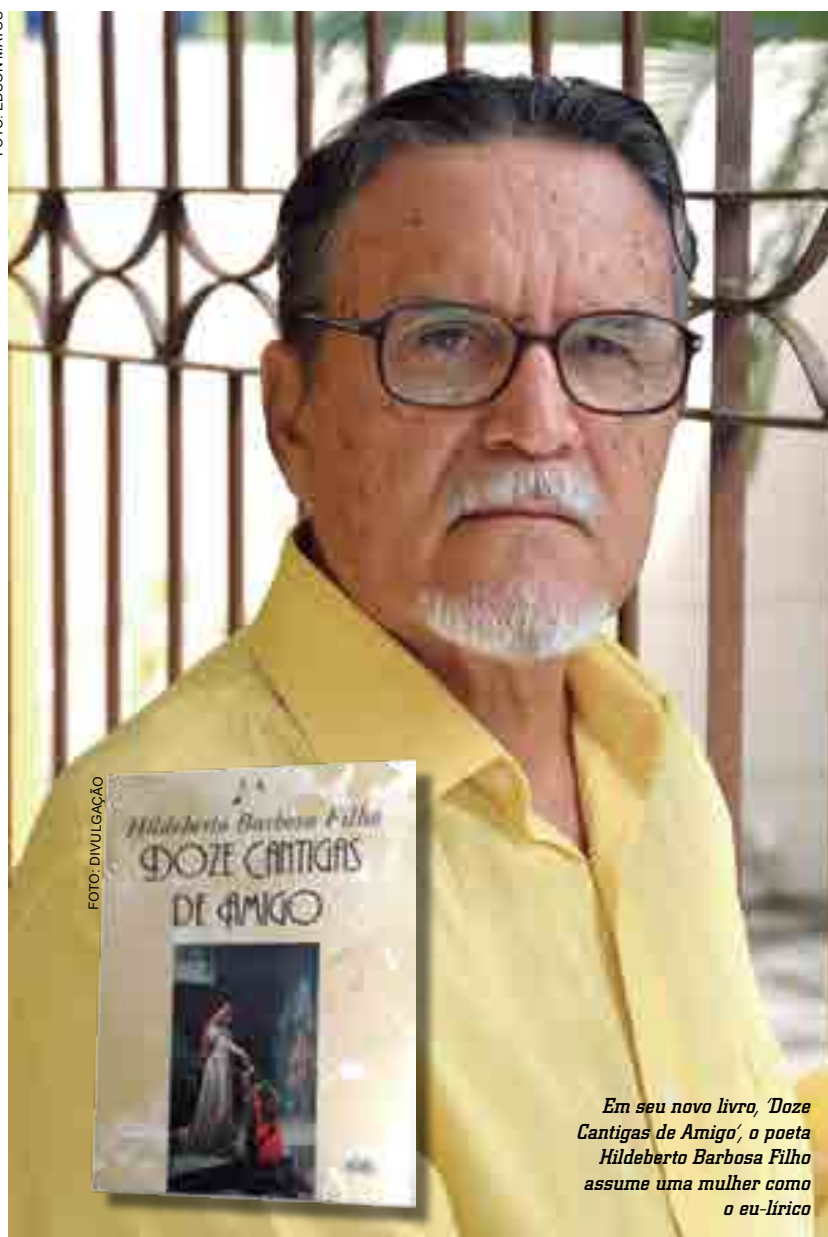


FOTO: DIVULGAÇÃO

Em seu novo livro, *Doze Cantigas de Amigo*, o poeta Hildeberto Barbosa Filho assume uma mulher como o eu-lírico

- ▶ Cada mês sem sangue era um pequenino verso de alegria.

Na hora do parto,
só coágulos de luz.

Percebam a sutileza do jogo oculto entre “de luz” e “di-lui”, expresso no belo oximoro “coágulos de luz”. No entanto, o que se questiona é: além do poético, que voz feminina quer Hildeberto Barbosa Filho representar? Ao que parece, a mulher surge destes seus poemas como destinada à procriação, frustrando-se com o aborto, não pela perda de uma vida, mas por uma relação vazia com o *seu* homem (o itálico no possessivo é proposital), em que não há partilha ou respeito mútuo. Déspota, travestido de deus, é o home que Hildeberto nos apresenta, produzindo uma relação que se desumaniza para ser apenas animalesca, restrita a macho/fêmea, diante do homem embrutecido e da mulher que se faz submissa e resignada. Mesmo quando ela se propõe uma mudança e sente a mudança (‘Cantiga VI’), parecendo ter o controle de si mesma, ela ainda se amarra em um dúo, que não deixa de cantar, da procriação e do prazer. Hildeberto não se dá conta, nessa tipologia feminina da mulher como dor e aflição, que a ‘Cantiga IX’ responde à sua vontade, como poeta que quer simbolizar a voz feminina, fazendo os questionamentos do saber sobre o mundo feminino:

Quem sabe
a dor de ser mulher?
Quem sabe o ardor
de ser mulher?

Ainda quando se revela múltipla e poeta – Clarice Lispector, Macabeia, Cecília Meireles, Adélia Prado, Sílvia Plath, Virgínia Woolf, Maísa Matarazzo

(‘Cantiga X’), a voz feminina, só consegue expressar dor, resignação, suicídio, aniquilamento, reafirmando um mundo tradicional, diante do qual até o poder da criação se apaga, num desespero traduzido no vazio de um abandono, como se o mundo da mulher fosse o homem:

Não:
nem poeta sou.
Mulher, apenas sofri.
Ninguém canta
o que canto como eu.
Meu mundo caiu,
Mas insisto:
ne me quittes pas,
ne me quittes pas.

A citação direta a duas músicas eternizadas por Maísa, “Meu mundo caiu” e “Ne me quittes pas”, deixa claro esse desespero. Atente-se para as letras das respectivas músicas e se verá o quão o/a amante se anula, em função do outro. Hoje em dia, está claro: já não cabe mais à mulher anular-se em função do homem. O mundo mudou e já não há mais espaço para a representação de um mundo feminino submisso, até porque sempre houve mulheres, em todos os tempos, que souberam se mostrar avessas à submissão e à anulação, fugindo ao aniquilamento.

Se na ‘Cantiga V’, Hildeberto Barbosa Filho ecoa a Penélope de Ulisses, o eco é apenas daquela que espera resignada e chorosa, diante da missão de cuidar dos filhos abandonados. Não é a mulher astuta que foge ao assédio dos homens, tecendo e destecendo uma mortalha ou impondo um desafio – o do arco de Ulisses – que nenhum dos pretendentes poderá vencer. É apenas parte da Penélope de Ovídio, nas *Heroides*, para quem “o Amor é coisa cheia de inquietação e medo” (*Res est solliciti plena timoris amor*),

mas que, em outro momento, traduz-se numa Pénélope que prepara a revolta e a guerra contra os pretendentes, esperando o marido para partilhar essa reviravolta, antevendo a força que faltava para a proteção da casa. Já não se aturam Penélopes, que apenas esperam e se lamentam, hoje em dia.

Não condeno a qualidade dos poemas, mas faço reservas à intencionalidade. Esteticamente, seus poemas são indiscutíveis, havendo mesmo uma cantiga dentro das cantigas, formada com os versos iniciais, que funcionam como título, visto que destacados em negrito:

É dentro de mim.
O silencio se derrama.
Quem és tu?
Ganhei um dia,
Enquanto tu te matavas.
Agora chega novo tempo,
Orava e esperava.
Não falem mal.
Quem sabe
Mulher,
À pureza do verso,
Todo mês a pele sangra.

Se as mulheres, há muito já conheceram e desvendaram o universo masculino, ainda teremos uma longa estrada para palmilhar, de modo a apreendermos o seu universo e, ainda mais, nos reconhecemos nele. Não é bastante a cada homem morrer um pouco ao ferir uma mulher, como diz Hildeberto na ‘Cantiga IX’. É preciso que essa morte se traduza em renascimento e reencontro. Se tal não acontece, poderemos até representar a mulher esteticamente, jamais, porém, simbolizá-la. ✦

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Buscas para ficar fora do circuito

*Depoimento a
Sergio de Castro Pinto*

Tudo que descarto de mim,
recortes de unhas, cutículas, verrugas,
serve para alimentar formiga.
Fui voyeur de lugares encharcados.
Divertia-me com borboletas
lambiscando montes de bosta de vaca.
Meu teatro era assistir, na capoeira,
às moscas azuis se alimentarem,
festivamente, de minhas fezes.
Entretia-me nas trilhas com maracanãs
dependuradas de cabeça para baixo
rasgando bagas em pencas de ingás,
e o que me interessa é ficar do lado de fora do cercado.



O POETA DEVE SER CRÍTICO?

Em recente viagem à progressiva cidade goiana de Itumbiara, uma garota com menos de 10 anos, ao saber que sou poeta, me disse que devo ser “muito crítico”. Aquele questionamento da pequena Ana Júlia me estimulou a retomar a elaboração deste texto, que se encontrava em paralisia há uns oito meses. A viagem também me leva a outras observações críticas: um município de 102 mil habitantes, de PIB *per capita* de R\$ 39.503,02 (2015), onde os salários são baixíssimos comparados aos municípios vizinhos, e sem nenhuma livraria na cidade e balcões de dízimo nas igrejas, continua distante de ser uma comunidade progressista e incentivadora de liberdades individuais. Quantas outras cidades brasileiras que estão alcançando bons índices de desenvolvimento econômico estarão passando pelas mesmas circunstâncias? É de esperar que o desenvolvimento cultural corresponda ao ▶

desenvolvimento econômico – a conjugação desses dois fatores gera a ativação do processo crítico.

Incitado pela sondagem crítica da garotinha Ana Júlia, indago se temos sido críticos enquanto cidadãos e, sobretudo, críticos enquanto poetas. A poesia é ou não um ato de construção de cidadania? São questões que devem perseguir todo criador (assertiva que deixo como constatação do que sentimos e também como motivação para todo criador definir a metalinguagem de atuação pessoal).

Nenhum homem escapa de ser partícipe de seu tempo mesmo quando se abstém de participar dele, pois, nesse caso, passa a figurar como uma de suas vítimas. Nenhum poeta escapa de seu tempo, defina ou não uma metalinguagem. Toda afirmação do homem traz uma conformação de si à sua realidade. Quando o poeta usa uma palavra ela chega carregada de experiências, desejos e participação do registro de uma personalidade em sua época. Não quer dizer que o poeta vá se deter sempre na predefinição de significados em todo momento de criação. O significado de uma peça literária se define e se amplia com atos de leitura e de crítica. Até o esvaziamento de carga do real introduz significado na peça literária.

Relembro que entrei em conflito comigo mesmo no momento de definir o título de meu último livro de poemas. Para mostrar a evolução do ato de registro da escrita, pensei em “Tábua da Memória” – tabuinhas encerradas que levavam esse nome e que Shakespeare e Aristóteles devem ter usado como caderno de anotações. Todas as crianças modernas levam para cima e para baixo – sem elevarem o olhar para a realidade – o “tablete”, sem atinar para a origem da palavra, e muitos menos têm de carregar tabuinhas encerradas na mala para quando desejarem fazer anotações viagem.

Cheguei a cogitar também “Ex-garça”, pois, no tempo da ditadura (pelo menos esta era a minha metáfora), a ideia da garça se opunha à escuridão daquele



Salomão Sousa: “Descobri que o meu método de escrever nunca mereceu definição de parâmetros rígidos; no entanto, sofreu mutações ao longo dos anos”

período sombrio de nossa História, além de carregar o aspecto do sentimento de fragmentação e esgarçamento dos tempos atuais.

Decidi por “Desmontagem”, que também contempla o sentido de fragmentação bem como sugere a modificação da realidade que não mais traz um sentimento de satisfação, ou de *cansaço* como nomeia Byung-Chul Han, e que eu prefiro, como Santo Agostinho, compreender como *exaustão*, pois tudo que dura não satisfaz.

Vimos ao mundo para modificar e não para sermos ajustados. A insatisfação vem da aceitação do homem em ser moldado para o consumo (de bens, de política, de religiões), e não de interferência como seres partícipes da construção da realidade. Acharmos que podemos ser felizes comprando a realidade por quartinhos. Para sermos poetas, precisamos ajustar as poéticas, senão seremos sempre máscaras de outros.

A realidade não tem mais o sentido de completude, seja na vivência do cotidiano, seja na da expectativa política, pois desejamos que se apresentem completas a nós sem a nossa contribuição. Esquecemos de um fato: é a participação, de forma argumentativa, que contribui para que a realidade se construa e seja compreensível quando a ela nos integramos. Só nos sentimos acolhidos pela realidade que ajudamos a moldar. A paisagem virtual só recebe o nosso olhar. O olhar não constrói a realidade, mas só gera crítica da realidade.

Descobri que o meu método

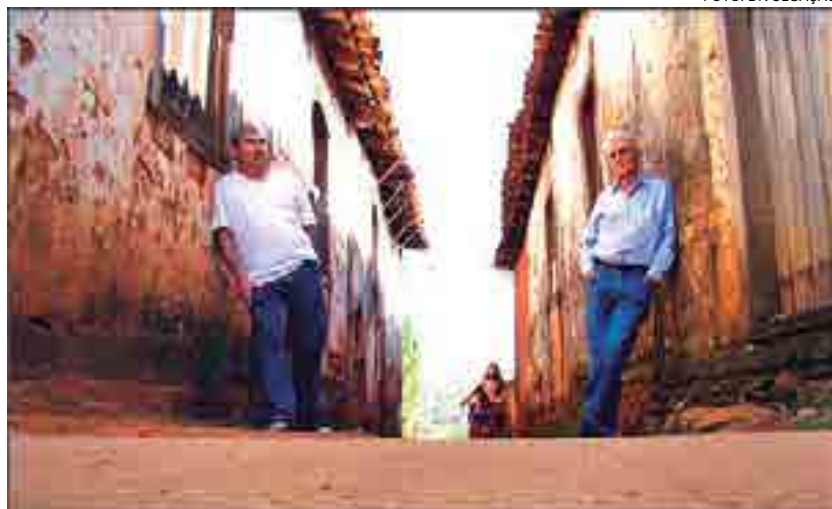
de escrever nunca mereceu definição de parâmetros rígidos; no entanto, sofreu mutações ao longo dos anos. Julgo que isso se deve à minha saída da zona rural, que compreendo como experiência medieval, com absorção de acervo de costumes e palavras arcaicas, e, em seguida, meu afeiçoamento ao meio urbano e o mergulho na modernidade de Brasília de impactante espacialidade arquitetônica. Sem as experiências de Brasília e da imersão no universo do sertão goiano, seria outra a minha mentalidade de cidadania e, certamente, a minha poesia teria seguido por trilhas distintas.

É natural encontrarem hermetismo em minha poesia. Não julgo que esse possível hermetismo decorra de alguma riqueza vocabular, mas da minha experiência das diversas camadas de linguagens, que foram se superpondo ao longo percurso de minha vida. Quando compunha o poema-epígrafe deste texto, detive-me, por exemplo, na expressão “pencas de ingás”. A expressão dificilmente será compreensível para a criança que nunca passou por uma trilha com um ingazeiro próximo à capoeira, cheia de

ruidosas “maracanãs” (outra palavra que deve ser desconhecida até para os adultos urbanos de hoje). Eu colhia algumas vagens daquelas frutas para degustar as bagas como se fossem ricas guloseimas. Esses entrecruzamentos de experiências nunca deixaram de interferir no meu processo de construção de poesia. Através dessa aprendizagem quase espontânea, nunca tive dificuldades para interagir com a poesia dos italianos Salvatore Quasimodo e Eugenio Montale, que são poetas íntimos da natureza. Podem soar herméticos, no entanto, os versos de Montale mexem na ancestralidade do indivíduo:

Escuta-me, os poetas laureados
 movem-se tão somente entre as plantas
 de nomes pouco usados: buxos ligustros e acantos.
 Eu, por mim, gosto de caminhos que levam às agrestes
 valas aonde em poças
 já meio secas rapazes apanham
 alguma enguia miúda:
 as veredas que seguem junto às bordas,
 descem por entre os tufos de canas
 e chegam até os hortos, no meio dos limoeiros.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Salomão (E) e Antônio
 Miranda (D): poeta
 goiano se encontra
 com maranhense na ci-
 dade natal do primeiro,
 Silvânia

INFÂNCIA E JUVENTUDE

O poeta Gilberto Mendonça Teles certa vez me advertiu que eu não posso ter vivido a infância à beira de um rio, pois ele entende que o município de Silvânia não tem nenhum. Mas tem o rio dos Bois, tem o rio Piracanjuba, e por aquelas bandas toda água que corre é rio, até água de chuva nas valas e nas grotas.

A casa de adobe em que nasci ficava às beiras do *pequeno* rio Calvo. Não devia ter 80 metros quadrados. Tinha três quartos. O do casal e o dos filhos. O dos filhos tinha uma meia janela pela qual entrava a brisa cheirando a esterco do curral e a porta de acesso que saía direto no quarto dos pais. As camas eram

jirais fixos ao piso de chão batido e os colchões de tecido feito no tear da casa dos avós eram recheados de palha de milho. Na cozinha, ficava a fonalha de lenha, a prateleira de tábuas enegrecidas e o único banco de grosso champrão. Ligado à sala, o quarto de visitas, com outro jirau e a tulha de mantimentos. Na sala, ficavam dependurados as rédeas, o laço, o baixeiro e o arreio, e tinha uma pequena

mesa, de mais ou menos um metro quadrado, ladeada por quatro tamboretas. Nessa sala de piso batido e tijolos expostos, fui alfabetizado aos dez anos por um andarilho rezador e, numa das aulas, fui surrado por meu pai com o chicote que também ficava dependurado numa das vigas. José Ribeiro, o professor, viria a falecer no asilo público de Silvânia.

À frente da casa, havia o pasto quase plano, em leve inclinação até o resto de mato da cabeceira e do vale, de onde corria um rego até a casa. A uns mil metros de distância, ao fundo do quintal, ficava o *pequeno* rio Calvo. Depois do rio, avistava-se uma serra coberta de capoeira, tendo à direita a casa da tia Crioula e, à esquerda, a casa agachada ao chão do Bertoldo e da Dalvina, que circulavam sempre com a roupa encarvoada, fosse dia de faina ou de descanso.

Foram incontáveis os arcos-íris que assisti da porta da cozinha ligando as casas da tia Crioula e do Bertoldo, e a constante ameaça de mudança de sexo caso acontecesse de passar debaixo deles. Sempre sem calças e descalço, na rudeza medieval daquela região rural do sul de Goiás, nos intervalos das obrigações, brincava de aprisionar insetos peçonhentos na bacia de flandres. Lacraias, piolho de cobra e escorpiões foram os brinquedos da minha infância.

Descubro no momento da elaboração destas notas, que a capoeira – um dos tipos mais comuns de vegetação do Centro-Oeste, na segunda-metade do Século 20 – surgiu nas áreas das extintas matas. Essa vegetação era constituída de assa-peixes, imbaúbas, vinháticos, veludos branco e vermelho, lobeiras e gravatás. Não só as palavras, mas a constituição desses arbustos e plantas viriam a contribuir para o enriquecimento do vocabulário e do processo de construção das metáforas da minha poesia. Por mais que tenha me tornado um urbanoide, é a infância que molda a maior parte do imaginário de um poeta.

Nenhum livro entre os tarefas da família de analfabetos. De

versos, apenas as parlendas repetidas pelos pais, dentro das noites, ao redor do champrão. E, também, as provocações de outro andarilho, que nos visitava com frequência e andava sobre pernas de pau pelo curral. Assim como chegava, partia após me instigar para desafios destinados a improvisar pequenas quadras poéticas.

Tão logo fui alfabetizado, descobri num baú de meu avô uns 12 livros de cordel. Sempre ia dormir em sua casa, que distava mais ou menos meia légua, também do outro lado do *pequeno* rio Calvo. À luz de candeias, lia na cozinha, sentado na banquetta baixa em forma de mãos espalmadas, para familiares e peões, aqueles livretos de aventuras misteriosas, quase todos de autores da Paraíba.

Findava a minha infância. No início do segundo semestre de 1964, a minha família se transferiu para Silvânia. Desde o limiar do Século 20, aquela cidade do circuito do ouro em Goiás era centro de referência de ensino do Estado. No Ginásio Anchieta, mantido pelos salesianos, estudaram Afonso Félix de Souza, Léo Lynce e Ursulino Leão, poetas que contribuíram para a formação da literatura goiana ao lado de José Godoy Garcia, Bernardo Élis, J. J. Veiga e Hugo de Carvalho Ramos, que estudaram na cidade de Goiás Velho, primeira capital do estado.

Em outra cozinha, já em Silvânia, viveria experiência literária ainda mais instigante. Em frente à nossa casa, instalou-se o primeiro gerente de banco da cidade. A sua jovem e elegante mulher solicitava a minha presença para pequenos serviços de moleque de recado. Solitária, em toailete citadina, ela brilhava naquela cozinha aseada. Após executar os serviços solicitados, eu pedia para que a *Divina Comédia* fosse retirada da cristaleira, onde a obra cobiçada ficava acomodada entre xícaras e taças. Com aquela jovem mulher se movimentando pela casa, eu entrava no universo dos anjos e demônios de Gustavo Doré e Dante Alighieri. Nunca a poesia poderia ter sido tão marcante em minha vida. Pude compreender que a poesia nos transfere para regiões mitológicas, ilude o tempo e anima o ar que rodeia o leitor.

INICIAÇÃO NA POESIA

Ao chegar aos livros de Castro Alves, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Alphonsus de Guimaraens, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, disponíveis na biblioteca pública de Silvânia, além da leitura de jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, entrei em confronto com a escritura e perdi as habilidades para trabalhos braçais. Parti para Brasília, onde me formei em Jornalismo e trabalhei por mais de 45 anos no serviço público. Nunca deixei de participar de eventos literários e de frequentar as entidades em que os escritores se agregam. Somada às leituras constantes e à intimidade com o real, a descoberta solitária dos poetas maturou a minha decisão de fazer poesia.

Não há lembrança maior do que de uma touça de gravatás,
com suas flores vermelhas, suas bagas quase doces.
Há desesperos que funcionam como vidro
– assustam-se ao menor clamor, partindo-se
ao menor toque. Todo movimento retesado
não suporta o peso de um corpo.
Onde estarão as quadras que fiz aos nove anos?
Haverá um depósito delas num céu de Dante?

Quando falo do meu passado, não me vejo pensando pelo interior. Falo me observando numa cena. Vejo-me ao lado dum champrão instalado na cozinha e meu pai deitado nele. Não posso dizer: estou ao lado do champrão. Essa fala só seria possível se eu estivesse na cena. Como não estou mais, só posso me imaginar na cena. E nem sempre a cena corresponderá à totalidade do que eu descrever ou imaginar. Pode ser que, na cena que eu vá descrever, eu não portasse o pequeno boné vermelho comprado por meu pai em Anápolis.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Em Brasília, Salomão se formou em Jornalismo e trabalhou por mais de 45 anos no serviço público: "Nunca deixei de participar de eventos literários e de frequentar as entidades em que os escritores se agregam"

OBSERVAÇÕES AVULSAS

Escrevemos determinada poesia, já que não podemos escolher escrever outra. É como se a poesia nos escolhesse, sem predefinição de nossa vontade. Depois surge toda teorização em torno dela. Se a teorização for convincente, a poesia se define como a produção definitiva de um autor e de um tempo. As vezes a teorização demora a chegar. É o que tem ocorrido nestes anos que abrem o Século 21. Às vezes, a teorização tem sido de destruição, por isso a inexistência de poesia definidora de nosso tempo, apesar de ela existir num limbo dantesco. Quando muito, a teorização está preferindo deter-se na poesia banal ou do banal. Como o homem perdeu profundidade de conhecimento, perdeu, igualmente, a profundidade de composição tanto de poesia como de crítica da literatura. O homem está preparado apenas para a banalidade.

Nem sempre é questão de hermetismo, mas incompatibilidade das formações do autor e do leitor. Se o leitor não tem acesso à cultura do autor, a produção desse autor vai lhe parecer impenetrável. Podemos dizer que vem ocorrendo um fenômeno mercadológico inverso, pois, para permitir penetrabilidade aos textos, há uma linhagem de poetas emersos do meio virtual, que têm procurado produzir uma poesia naturalista para ligeira degustação.

Cada pessoa está preparada para ler determinado tipo de livro. Não adianta eu indicar o romance *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, ou qualquer outro de Proust, a quem nunca leu um livro. Agora, para alguém que está terminando o primeiro grau ou fazendo o segundo, é possível ler *Guerra e Paz*, de Tolstói, ou mesmo *Moby Dick* e *Dom Quixote*, pois são livros cheios de trama, envolventes.

Mas o leitor tem o direito de ler o que desejar e mesmo o direito de pular páginas. O importante é ler e ser feliz na leitura. A leitura não pode ser enfadonha.

"Cada poeta traz uma marca. Se construí alguma, ela foi sulcada com o chicote de tanger alimárias"

Quando não temos prazer na leitura, o livro é ruim ou estamos despreparados para lê-lo. Tem disso: nem sempre um livro é ruim, mas nós que somos descuidados leitores, analfabetos de magia e mitologia.

Sempre escrevi poesia. Meu primeiro livro, *A Moenda dos Dias*, baseado na vida de minha mãe, que sempre trabalhou na zona rural, foi publicado às minhas expensas há exatos 40 anos (1979). Quando ela ia dormir e se sentia exausta, ela usava essa expressão: *Parece que me passaram na moenda*. A moenda é onde passam a cana, sai a garapa e sobra o bagaço. Por isso dizemos: *Estou no bagaço* (esvaziado da essência da vitalidade). Por isso usei a expressão "a moenda e os dias". A moenda tanto serve para gerar riqueza, no sentido lato; como para gerar cansaço, no sentido metafórico.

Cada poeta traz uma marca. Se construí alguma, ela foi sulcada com o chicote de tanger alimárias. Depois chegaram as leituras formadoras, tais como Jorge de Lima, José Godoy Garcia, Sérgio de Castro Pinto, Rilke, Eliot, Holderlin, e muitos outros que vão se introduzindo, a cada ano que passa, ao meu mapa de leituras. A poesia obscura de Herberto Helder é a última descoberta. Igualmente o desejo de descobrir almas irmãs empenhadas em contribuir com novas linguagens.

O Brasil fervilha delas. Não podemos deixar de vislumbrar Daniel Franco, Jamesson Buarque, Antonio Moura e Luci Collin – cito aqueles aos quais tenho dedicado mais atenção por serem filiados a uma poesia ordenada, a qual julgo deve ser praticada na atualidade. Trazem uma expressão de brasilidade, com acervo do real expresso na tradição das experiências das linhas de nossa modernidade.

Cada autor define uma metalinguagem. Passei pela poesia telúrica, defendi a poesia sem significado bem como a poesia engajada, quase sufocuei a minha produção quando atendi aos chamamentos da Poesia Marginal.

Notei que a minha poesia passou a merecer melhor acolhida depois de agregar todas essas experiências. Não é com o descarte e a negação que se produz, mas através da agregação de técnicas.

A cineasta Agnès Varda, em documentário que leva seu nome, esclarece que a produção artística se divide em três etapas: 1) inspiração, que é alcançada pela aprendizagem da realidade e que gera a motivação para a criação; 2) o próprio ato criativo depois de definição da temática, que exige o trabalho de composição; e 3) compartilhamento (no caso dela, distribuição do filme; e, para o poeta, a divulgação, seja por meio impresso ou virtual). A sobrevivência da poesia carece, então, destas aprendizagens, que devem ser renovadas cotidianamente.

Descobrir que não adianta fazer poesia para registro de uma experiência e para alterar e ampliar a realidade. Os poetas não podem se transformar em escrevinhadores de bilhetes, de registros de galhofas do seu tempo. A poesia é um processo de nova germinação de linguagem ou de participação da realidade pela linguagem.

A poesia trabalha – enfatiza o poema de H. Dobal – para que a memória viva em permanente reconstrução. A reconstrução da memória garante o humanismo, o processo civilizatório:

Toda memória vai-se perdendo.
Sem música, sem palavras,
preparo um réquiem.
Pranteio esta cidade,
substituída por outra
estranha ao seu passado.

UM EXEMPLO:

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,

Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio.
Noite

Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

Fernando Pessoa

Quando um poema me destrona do conforto, faço indagações para descobrir o que ele contém para gerar o andamento da emoção. A emoção, o desconforto, a satisfação, a saciedade – sempre surgem de uma ingestão. O que esta estrofe de Fernando Pessoa carrega de carga de construção para que possa ser medida depois da leitura? O que contém para me deixar saciado?

Primeiramente, começa com uma evocação: *Vem*. Tudo que nos convoca exige resposta imediata, a tomada de iniciativa. Após, utiliza elementos eternos da versificação para criar efeitos encantatórios de linguagem. Sobrecarrega-se de repetições e aliterações. São 19 “i”, 14 “n” e 9 “d” que geram rimas internas. E não pode passar despercebido o efeito que fecha a quadra: a aliteração com o “j” de *lantejoulas* e *franjado*. E ainda a intensidade dos 11 “t” criando rimas e sonoridades internas.

O tema é bem comum: a *noite*, que gera algo lúgubre, por isso *Rainha destronada, antiquíssima e idêntica*. Agora, o que gera a grandiosidade do poeta é a criação desse efeito que servirá para criar novas possibilidades de construção poética no futuro.

Quando emprega *estrelas lantejoulas* sem ser uma palavra nova com hífen ou vírgula, quer mostrar apenas algo como uma cortina, criar algo emendado pela noite. Uma vírgula seria impor um corte na noite, no escuro. É um efeito da poesia herdada pelo neobarroco, impondo confrontos de palavras para geração de novas possibilidades linguísticas, eliminação de ruídos, que passou a ser comum nas vanguardas e sobrou de herança para a poesia da atualidade.

No poema de Eugenio Montale, citado anteriormente, a vírgula, em algum momento, também é abolida, pois a natureza é contínua, sem corte, num significado harmônico. E Fernando Pessoa ainda descobre a expressão *vestido franjado*, pois a

PERFIL



Salomão Sousa nasceu em 19/9/1952, na fazenda Calvo, no município de Silvânia (GO). Formou-se em Jornalismo pelo CEUB. Jornalista, assessor parlamentar, poeta, crítico, blogueiro. Mora em Brasília desde 1971. Jornalista concursado do Poder Executivo, exercendo desde

1977 atividades de assessoramento parlamentar no Ministério da Economia e nos extintos ministérios do Trabalho e do Bem-Estar Social. Em 1979, lançou *A moenda dos dias*, seu primeiro livro, o qual foi saudado em Harvard à época do lançamento e que comemora 40 anos de publicação agora em 2019. A bibliografia de Salomão Sousa inclui 13 livros de poesia, 2 de críticas, organização de três antologias com autores de Brasília, edição de publicações marginais e 19 números do zine *Chuço*, bem como a participação em antologias e publicações em jornais, revistas e sítios da internet, e a manutenção de três blogs. Responsável pela inclusão na Wikipedia de vários perfis de escritores goianos e do Distrito Federal. É um dos 47 poetas brasileiros incluídos no número da revista portuguesa *Anto* dedicado aos 500 anos de descoberta do Brasil. Além de outros prêmios, recebeu, em 2011, o Troféu Tiokô, da UBE-GO. Nos últimos anos, participou de encontros literários na UNAM, México; e, ainda, no Peru, Equador e Colômbia. Integra a direção da Associação Nacional de Escritores e é membro da Academia de Letras do Brasil (ALB), da Academia de Letras, Artes e História de Silvânia (ALAHS) e membro correspondente da Academia Flor do Vale de Ipaussu (SP) e da Academia de Itaperunense de Letras (RJ). Recebeu o Diploma de Destaque Cultural do Ano de 2019, concedido pelo Governo do Estado de Goiás.

cortina ainda tem uma barra, talvez uma claridade do poente ou uma linha de edifícios iluminados – imagem que irá se desdobrar ao longo do poema.

Há uma sonoridade nas palavras que passam imperceptíveis e estão ali para atração. Tanto as sílabas “ves/fran” ge-

ram uma consonância ao “do” final das duas palavras para arrematar o “ti” do “vestido” com o do “Infinito”. Só a intuição do poeta integral para atrair tais complementos para atração interna do poema.

Para aprender com eles, não há como não retornar sempre aos grandes mestres.

(Sem título)

Avistar um palmo
na frente
do nariz
uma ideia
infeliz
Ainda mais quando
ficamos sem ideias
nada a gente
já não diz
Está tão escuro
que a gente
só contradiz
Quando a gente
arregaça as mangas
e apalpa
não sente que está
espantando a garça

Imprevisto dos intervalos

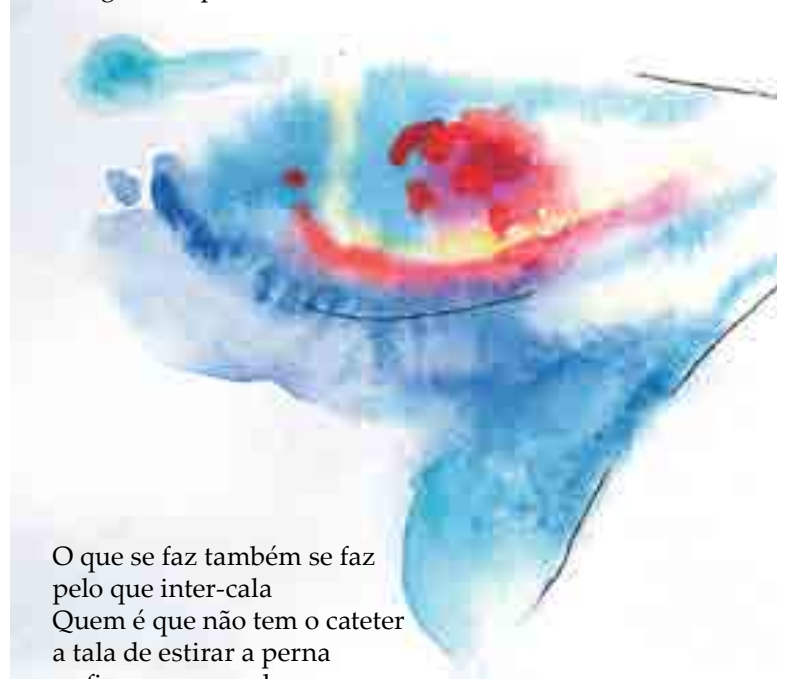
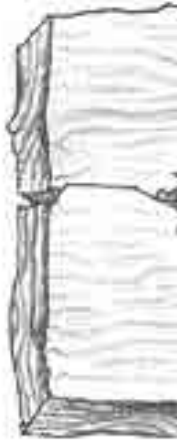
O que ficou do rosto equivale
ao bater da porta que cortou
o olhar que fazia existir a brasa do vermelho
Quando o outro nem se expunha
e nem queria em si a fala do desejo
O que acontece também
se faz com imprevistos intervalos

O que ficou da correspondência ficou
o intervalo de espancar a mosca
Atravessar o campo ficou
o contorno de desviar do vale
que se interpôs como um rio
entre o que se vai de uma cidade
e o entreposto de tomar um barco

O que se faz para não antecipar a caça
tem de contar a trela da guia de cães
Antes da marcha em um cavalo
há isto de rechaçar e ir ao solo
e de energia que se amansa
A caminhada é também quando
os pés se desencostam/se na estrada
são apenas o apoio no intervalo

Dourada sineta

Hoje podem me visitar com narrativas bem banais
A sobrinha Hariclía para passar a tarde
e poderá arremessar no lixo os meus livros
depois de contar as inutilidades da existência
de uma corcova em outro país, da malícia do fungo
que enfeita as cascas de árvores e de frutos
Não alegarei que tenho de visitar Hari
ou de denunciar o serralheiro a surrar chapas
sobre os telhados de decadentes viúvas
Não usarei de subterfúgios para espantar o que chega
Quem for a visita em Alexandria irá se sentar
em limpas cadeiras de aveludados farrapos
e ouvirá os poemas *Itaca* e *O Deus abandona Antônio*
Com uma visita não estarei enfermo
no frio hostil aos meus ossos na rua das ameaças
A visita poderá rejeitar os feitos de Hafiz,
assumir que não há fome, que não há incêndio,
o destroço numa encosta ou cajás grátis
só porque são ácidos e de entremeadas nervuras
Dourada sineta aguarda quem a acionará



O que se faz também se faz
pelo que inter-cala
Quem é que não tem o cateter
a tala de estirar a perna
e afirmar que ganhou a guerra
e se perdida/a bucha de canhão
em silêncio no armário do arsenal

O que não ocorre também é intervalo
De quando se espera
e de quando se cala
De quando se retosa e se lava
Se fosse o que acontece de uma chuva
não é o que cabe na estria da calha
é também o vazio entre um pingo e outro

o Sousa

ILUSTRAÇÃO: TONIO

**Casca de casulo**

Se não tenho em mim a mariposa, serei casca de casulo?
Sentir-se não é ser, mas me sinto nulo oco
desentranhado de voos, de facécias de visitas,
sem ânimo de me fixar até a chegada da voracidade.

Estarei amarrado por um fio, fixo ao que não me cabe,
por mais que me revolvam instantes móveis de vento.
Por casualidade da fome, por perda de rota,
peçonhas irão se arrojarem ao meu bojo.

Quisera desenrolar de mim loucos lábios, asas,
e, se voasse, não sugaria seiva, só a ânsia
de conhecer, acolher-me numa superfície a mim idêntica.

Depois do percurso, da avidez de destroçar,
a casca vazia a assoviar entre teias.
Não sou casulo, pois nem sou as vésperas da mariposa.

Arma enfiada na esperança

Talvez seja o caso de eu estar louco
Talvez não esteja acontecendo a bulha,
o ruído de asas, o deslocar bruto de ar
e o morcego faça apenas uma visita ao poema

Talvez não passe de falha na vigilância
e o ministro esteja nu em seu quarto
e a milícia construa em Muzema

Talvez em teu rosto o retrato de Polifemo
Talvez falhe a vigilância e a alfazema
decidiu ser descanso para os vermes

A mãe relembra o ato heroico de bordar
e, se descuida, o filho perde a lembrança
Talvez não passe de uma forja de Hermes
e a arma tenha se enfiado na esperança



ILUSTRAÇÃO: SÁVIO



Tornar-se negro

OU AS VICISSITUDES DA
IDENTIDADE DO NEGRO
BRASILEIRO EM ASCENSÃO SOCIAL

Eliza Araújo

Especial para o *Correio das Artes*

Em *Tornar-se Negro* (Ed. Graal, 1985), a psiquiatra, psicanalista e escritora Neusa Santos Souza utiliza-se do estudo de dez casos de negros e negras, residentes do Rio de Janeiro de 1982 e em ascensão social, para discutir suas histórias como unidades representativas

da realidade de brasileiros negros e negras que vivem numa sociedade complexa e multifacetada quando se pensa a questão da raça. O Brasil multirracial, onde se propaga a noção da democracia racial, vive o paradoxo dessa propaganda de um país onde há harmonia entre as raças e a instituição de práticas e discurso discriminatórios já normalizados.

Além de estudiosa da psicanálise, Gregário F. Baremlitt pontua: “Neusa é uma mulher negra, militante e trabalhadora da Saúde mental” (p. 79). Neste livro, ela relata que, ao dar início ao processo de entrevistar seus sujeitos, esteve em contato com eles ao telefone e quando encontrou-os pessoalmente, muitas vezes surpreendeu os entrevistados com esse ▶

► fato: era uma mulher negra, pesquisando a vida emocional do negro em ascensão no Brasil. E que sentido faz estudar a autopercepção do negro e o racismo num Brasil multirracial? Que sentido faz falar de racismo, num país que se diz uma democracia racial? Deparar-se com essas reações foi o início da confirmação das hipóteses de Santos Souza: nessa sociedade de hegemonia branca, o negro que ascende socialmente precisa em alguma medida, lançar mão da sua identidade, adequar-se.

Santos Souza defende que no contexto multirracial, cria-se um *mito negro* no Brasil. Este mito é construído como oposição a um ideal universal e branco. Há também um mito que se coloca paralelamente a este: o *mito da branquidão*, que se estabelece a partir da fetichização do branco.

Esse fenômeno sociocultural chama atenção porque o branco, que criou sistemas históricos de opressão, como o colonialismo e a própria escravidão, é o mesmo que dita os modelos de comportamento e determina os valores da sociedade contemporânea.

O seu ideal define a beleza, a moral e os conhecimentos que regem a ordem social. Muitas pessoas de cor, no Brasil multirracial de hegemonia branca, atendem a esses mitos e buscam adequar-se aos modelos estabelecidos pelos brancos, enquanto se afastam do mito negro. É o processo pelo qual se passa para ganhar a folclórica “alma branca”.

Uma solução para destoar dessa tendência é o que a autora sugere: “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (p. 17). Para a escritora, saber-se, perceber-se negra no Brasil tem a ver com “resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades” (p. 18). Essa percepção, então, é um

processo cognitivo de aquisição de conhecimento e não só construção, mas resgate de uma identidade que vem sendo relativizada, minimizada e em muitos sentidos apagada e negada no Brasil. Tornar-se negra é um processo que demanda um remar contra a corrente e contra o senso comum estabelecidos na cultura brasileira.

O trabalho de Neusa Souza, que deixa livre seus entrevistados e transcreve trechos importantes de suas falas no livro, chama atenção para várias nuances da experiência do racismo pelas pessoas negras na sociedade brasileira.

Sua análise expõe questões de gênero, classe e denuncia a tendência paternalista em relação ao conhecimento, de exaltar a epistemologia branca, em detrimento dos conhecimentos negros ancestrais.

A proposta da psicanalista, que coleta discursos orais e os registra como meio de analisar de onde vêm o pensamento racista no Brasil tem como princípio o que Conceição Evaristo propõe anos depois (em 2005) como o exercício de *escrevivência*, onde propõe que mulheres negras reformulem sua história e subjetividade a partir da escrita, ficcional, não-ficcional ou híbrida, de sua vivência.

A fala desses sujeitos, o registro escrito de suas experiências orais, por si só representa um contraponto às narrativas culturalmente perpetuadas sobre o negro e seu lugar na sociedade brasileira.

Este livro é necessário para que como leitores, nos reconciliemos com o lado vergonhoso da nossa história, e a

partir desse reconhecimento das contradições que nos trouxeram até aqui, sejamos capazes de pensar um novo modelo de sociedade onde predominem a justiça e a democracia.

É importante lembrar que esse livro traz uma proposta similar ao recém publicado no Brasil *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* (Cobogó, 2019) da escritora, psicóloga, teórica e artista portuguesa Grada Kilomba. O livro de Kilomba foi o mais vendido da FLIP, em junho de 2019.

Memórias da Plantação é um livro importantíssimo para um momento em que os leitores brasileiros se sentem sedentos por conhecimento sobre as origens do racismo e as reflexões acerca de pequenas práticas e jargões que precisam ser confrontados.

É também muito importante ler nossos autores nacionais que refletem sobre essas questões do ponto de vista da nossa realidade no Brasil. Essa prática de valorização do conhecimento produzido em solo nacional também é uma válida remada contra a corrente que legitima o conhecimento produzido em outros países sem atenção ao que nossos pesquisadores e escritores tem buscado arduamente produzir a despeito das dificuldades de se trabalhar com pesquisa no país.

Leiamos Kilomba, acompanhada de Neusa Santos Souza e sigamos remando contra a maré que historicamente desautorizou a criatividade, beleza e inteligência do povo negro no Brasil. ✖

Eliza Araújo é professora e doutoranda em Letras (Literatura afro-brasileira e afro-americana) na Universidade Federal da Paraíba. É poeta e seus livros publicados são 'Segredo de Estado de Espírito' (Editora LiteraCidade, 2014) e 'Lusco-fusco' (Editora Escaleras, 2018). Morou em João Pessoa por 14 anos, onde escreveu seus primeiros livros. É de Campos dos Goytacazes, RJ, e atualmente reside na sua cidade natal.



Alice de Sabóia

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

E

1
m 1951, minha esposa se separou de mim.

Sem companhia noturna, após as aulas de Latim na Faculdade, o que me restava?

Colecionar velhos volumes de Camilo ou do meu querido Anatole France.

De vez em quando, alguém me trazia da Europa uma surpresa: algum manuscrito de Jung ou a 1ª edição de *Madame Bovary*.

No fim do ano, minha ex-esposa telefonou, disse que ainda me amava e queria voltar.

Alguma possível excitação alcoólica, pois nunca mais beirou o assunto.

2

Em 1959, meus olhos curiosos percorriam pergaminhos enterrados em uma poeirenta biblioteca quando depararam com a história de Alice de Sabóia, escrita em latim bárbaro.

Professor aposentado, duplamente sem minha esposa (falecera), resolvi traduzir

aquela vida para um papel moderno.

Tirei uma fotocópia e mergulhei no texto, que encheu minhas noites solitárias.

3

Três vezes estoura o trovão, três vezes os campos e casas brilham sob os coriscos.

Então as ferraduras de um cavalo em disparada raspam as pedras do chão.

Alice de Sabóia fugiu das grades!

Espero que a polícia não a procure em meu apartamento.

4

Bois e carneiros, eis toda a paixão desta camponesa, que acorda com a aurora no olhar.

Semeia comida aos animais, afaga as plantas, vê o peixe se arredondar nas claras correntes.

Órfã total, há muito não ri para alguém. ▶

▶ Ainda não me percebeu, grinalho professor.

5

Um dia, chega Filipe, pelo caminho das charneças solitárias, trazendo um olhar verde de raposa na penumbra.

Alice, que está regando suas sete rosas vermelhas, sente o coração vibrar como coelhos sob um tapete.

Filipe, mancebo brioso e valente, diz que vai sentar praça no regimento local, e pede-lhe água.

Alice dá também seu reflexo nela.

Filipe, com seu cheiro acre de urzes, percebe que atrás de sua descendência bélica pulsa alguma ternura.

Meu pai também foi professor, e dele eu trouxe este amor aos livros e às mulheres que os veneram.

Minha esposa ficava tricotando como Penélope seu desamor à literatura.

Filipe comenta que os insolentes piratas estão arrancando infames tributos dos camponeses e será enviado para combatê-los.

6

Os piratas foram derrotados, o soldo dos guerreiros pago com diamantes da rainha e Filipe volta num cavalo branco, entronizado como herói.

Alice de Sabóia vai levar uma bacia de água perfumada para que ele lave os pés.

Filipe, eternecido, declara seu amor, mas terá que partir mais uma vez, a fim de combater os aliados dos piratas.

Alice lhe pede que não vá, pois já tinha cumprido seu dever, e agora importam apenas as colheitas de Cupido.

Filipe rebate, inflexível: cumpriu somente meio dever e não é meio homem.

Alice lhe roga: está na primavera.

Eu entendo Alice, sua ânsia de amor, e deveria tê-la para mim.

Mas só posso alisar esta postilha fotocópia.

7

Duros dias Filipe passa na guerra, orvalhando a espada com suor e sangue.

Se sobreviver, voltará para as bodas com Alice.

Os aliados dos piratas deixam cicatrizes, como mapas na pele do jovem soldado.

Alice tem vindo ao meu apartamento, durante os sonhos agitados que produzo ultimamente.

Está com grandes olheiras, como eu.

Quando ordenha a vaca, parece ver sangue escorrendo entre seus dedos e poluindo o balde.

Pensa em Filipe e chora, julgando que alguma lâmina pirata perfurou sua carótida.

Tenho-lhe sussurrado que Filipe está mais vivo do que eu, para ela.

8

O retrato de minha esposa está amarelecendo.

Da janela do apartamento, chega uma brisa maliciosa me convidando para o salto.

Vejo que, cumprida a missão, as embarcações fazem vela de manhã, carregadas de troféus, entre os quais algumas cabeças dos aliados.

Filipe desvia o olhar daqueles despojos macabros e o espraia no oceano.

Estará pensando, como eu, em Alice?

Ou procurará novos focos de batalhas, como seus antepassados?

Mar, amar, Marte.

9

As gralhas amontoam seixos nos sulcos do campo arado e depositam seus ovos moqueados.

Alice assiste nos ramos as aranhas não se enredarem nas próprias teias, coisa que não acontece conosco.

O coração lateja de amor e me embaralha a vida e a narrativa.

Alice vê Filipe chegar, curtido e triste, sem o cavalo branco, mas vivo.

Corre, com o sangue cantando, para entregar-lhe o destino, para sempre.

10

Escutei uma gravação em que minha mulher ria desgrenhadamente, pois seu cãozinho tinha

escapado de um atropelamento.

Alice estará se sentindo assim, no regresso de Filipe?

Por que eu, que nunca saí de perto dela, jamais tive igual recepção?

Filipe não permite que ela se aproxime.

Alice responde-lhe que não se importa com suas cicatrizes de guerra.

Nem com suas vestes empoeiradas e sangrentas.

Filipe vacila, como um guerreiro em terreno estranho, mas finalmente lhe confessa: não poderia mais amá-la.

Alice transpira uma lágrima e lhe interroga: qual mulher do mundo carregaria mais amor do que ela?

Filipe, com fel nos lábios, esclarece que um ferro inimigo tinha lhe varado o baixo-ventre, emasculando-o.

11

Alice urra como um sonho incendiado, fazendo murchar suas sete rosas vermelhas.

Amparo sua cabeça em meus ombros, por alguns momentos, ou teria desintegrado.

Filipe oferece o peito, em holocausto, e a espada que trocou pelo amor.

Alice hesita, mas Felipe mendiga com o olhar.

De repente, finca-lhe no coração seu amor do avesso.

Em seu delírio de agonia, Filipe vê seu avô, com perfil de estátua, amaldiçoando-lhe.

E me vê, em meu apartamento, como uma espécie de mão que guiou a espada para Alice.

Ainda grita: que seus irmãos de farda nos punam.

Alice de Sabóia está encarcerada.

Como eu, em meu apartamento num décimo andar, com a paisagem coagulada de décimos andares.

O que nos resta fazer, senão fugir?

Eu, para dentro destes vocábulos em latim bárbaro; Alice, para fora deles.

Quando nos encontraremos? ▶

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de 56 livros; o mais recente é "No Oco Da Madeira", contos, 2019.

OS MOSTRUÁRIOS POÉTICOS DA PROSA DE

Letícia Palmeira

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

Durante minha adolescência, enquanto rabis-cava meus primeiros e imberbes versos, costumava ler textos sobre literatura e o fazer poético. *Cartas a Um Jovem Poeta*, do Rainer Maria Rilke, era meu livro de cabeceira. Mas também me perdia em páginas de autores como Affonso Romano de Sant'Anna, Fernando Paixão, Sartre e Schopenhauer, entre outros - autores que me faziam tentar compreender o mister poético e literário para o qual queria me aventurar. Sem falar em Fernando Pessoa e sua antologia de heterônimos que até hoje se impõe em minha cabeceira.

Ter em mãos o livro *Mostruário Persa*, de Letícia Palmeira (Penalux, 2019) é voltar a esse tempo. É voltar a ler prosa para entender a poesia, para buscar o poeta que às vezes se desgarrá de mim. De refletir sobre o fazer literário da forma mais poética possível. De compreender porque querer ser poeta, num mundo cada vez mais agressivo e individualista.

Mostruário Persa é um livro de reflexões, de sacadas, de provocações poéticas através da prosa. No estilo inconfundível de Letícia Palmeira, uma das autoras contemporâneas que mais leio, que mais me identifico. Enquanto leitor, costumamos gostar de navegar pelas páginas dos autores e autoras que mais nos identificamos. E eu sou devoto da prosa de Letícia.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Letícia Palmeira e a capa de *Mostruário Persa*, seu novo livro: prosa para entender poesia



Há dezenas de sentenças literárias nas páginas de *Mostruário Persa* que nos levam a refletir sobre o porque de escrevermos. “É preciso que haja espaço entre isto que nomeio arte e aquilo que nomeiam vida”, diz logo no primeiro texto. Como não identificar Fernando Pessoa nessa reflexão? Não por acaso, Alberto Caeiro assina a epígrafe do livro. E completa Letícia: “Escrevo somente o que não posso viver dada a minha limitada existência”.

Letícia, aliás, é prosadora, para o leitor menos atento. Por isso, em outro texto, deixa claro que não é poeta e nem se atreve a inovar verso em sílaba ou flauta redondilha: “A palavra toma de assalto meu ato trágico e perco a voz no palco”. Faça questão de dizer que ele não

é poeta, mas ressalto que aqui falo do ofício de autora. Em um tempo em que todo mundo que escreve quer ser tudo ao mesmo tempo agora, Letícia restringe seu espaço, embora nunca tenha deixado de ser poeta em sua prosa.

Seu leitor sabe disso. O que ele não sabe, conforme palavras de Letícia, é se é estranho ou esquisito o que é dito ou se desaprendeu a arte da decodificação. Afinal, como decodificar que o escritor que se sabe imperfeito, cogita, conversa com gente comum, sabe dos clássicos, mas não se delimita ao conjunto da produção? Sim, Letícia sabe que escritor de verdade não vive encastelado em seu escritório, sem atrever o mundo lá fora. Afinal, não vivemos mais o tempo da idealização pura e simples. Não se definir como escritor não é mera modéstia. É distração. Ao contrário do enfadonho escritor que vive a contar palavras.

O ideal de quem escreve continua a ser o belo, isso desde os gregos antigos. Com Letícia também. Mas nela, o belo vem para lhe substantivar, com amplas janelas, noites tranquilas e a poética verbal dos tagarelas, “pois sou lasciva menina ingênua que chora em únicas lágrimas o poema por hora inexistente”.

A poética de Letícia não vem de Rimbaud. Mas de Fernando Pessoa, já disse. Como nesse trecho: “Sou escritor de livros e crio o que do lixo se esvai. Na verdade, invento misérias para alegrar o triste”.

Mostruário Persa é um livro para ser lido entre um gole e outro de café. Para mergulhar nas reflexões de Letícia Palmeira, que gosta de assombrar-se e de ser doente de amor e vadia, coisas de quem sabe que a vida é o que ocorre entre uma sala de estar e a mesa da cozinha. A literatura de Letícia vai além desse limite. Ela transita por todos os cômodos da prosa, puxa a poesia para um bate-papo com dona filosofia. E vai navegando mares já navegados. Mas com uma embarcação que inunda oceanos com seus mostruários leticianos. ✦

Linaldo Guedes é jornalista e poeta.

Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do *Correio das Artes* e mestre em Ciências da Religião.

Wilson Alves-Bezerra

E UM MANIFESTO POÉTICO DO SÉCULO XXI

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Um livro que é uma espécie de manifesto poético em várias línguas, bem no estilo dos modernistas. Assim pode ser definido *Malangue Malanga - 30 Poemas Para Ler no Exílio*, quinto lançamento literário de Wilson Alves-Bezerra, e o terceiro de poemas. A obra chega após premiado *Vertigens* e do work in progress *O Pau do Brasil*. É um projeto de poemas em prosa em línguas misturadas (sobretudo português, inglês e espanhol, em distintas configurações) tematizando o exílio na contemporaneidade. A ideia, segundo o autor, é inverter a viagem eufórica dos modernistas.

O livro, curiosamente, tem uma dupla origem: o título vem de um poema do livro *Vertigens*, que mistura o francês e o português, escrito em 2011. “Mas a ideia do livro é posterior: interessava-me colocar em cena a per-

turbação da língua materna pela língua estrangeira que ocorre, muitas vezes, quando o sujeito está fora de seu país. Como a língua do outro pode invadir-lhe. Então, a certa altura, pensei que era possível escrever um livro a partir desse efeito. Assim surgiu

Malangue Malanga”, explica Wilson Alves-Bezerra, escritor, crítico literário, tradutor e professor do Departamento de Letras da UFSCar, onde atua na graduação em Letras e na pós-graduação em Estudos de Literatura.

O poema em prosa acompanha o autor desde sua reestrela como poeta, com as *Vertigens*, depois de 17 anos sem publicar poesia. “Eu já havia publicado, intuitivamente, no fim dos anos noventa, um livro que trazia alguns textos em prosa, que ainda não eram contos, e tampouco eram poesia. Foi quando uma importante leitora, Iná Camargo Costa, me disse eu que era da família dos poetas em prosa, mas que precisaria conhecer meus parentes: e ela me apresentou os ‘Pequenos poemas em prosa’, de Charles Baudelaire. Depois, por conta própria, cheguei ao ‘Finnegans Wake’, do James Joyce, que vivia já a condição do exílio e do fluxo incessante de pessoas e línguas na Europa da primeira metade do século 20, e que escreveu aquele livro misturando 64 idiomas sobre a base do inglês. Meu ‘Malangue Malanga’ é fruto da minha própria experiência com a linguagem, uma retomada, via poemas em prosa, do vórtice caudaloso ante o estrangeiro”, define.

Para ele, globalização, exílio e migração são marcas de nosso tempo, como foram de outros tempos. Neste sentido, o livro quer ser um manifesto pelo ponto de vista dos expatriados e excluídos da contemporaneidade. Contrariamente ao que se poderia pensar, não é um livro intelectualizado e excludente, para o leitor que conhece todas as línguas; muito pelo contrário, é um livro que nos coloca na posição da falta, transbordados por resíduos.

Wilson Alves-Bezerra diz que o modernismo brasileiro e as vanguardas latino-americanas traziam, em muitos poetas, uma alma cosmopolita; porém numa ▶

FOTOS: PAULO SLACHEVSKY



Wilson Alves-Bezerra e a capa do seu novo livro: ideia é inverter a viagem eufórica dos modernistas

▶ chave muito específica: a do turista endinheirado que viaja em primeira classe. *20 Poemas Para Ler no Bonde*, do argentino Oliveira Gironde, traziam uma verdadeira volta ao mundo, mas sempre da perspectiva da riqueza, no entendimento de Wilson. “Oswald de Andrade, por exemplo, num poema chamado ‘Balada do Esplanada’, se apresentava como o menestrel do hotel de luxo do centro de São Paulo, onde certamente bem poucos podiam se hospedar. Eu retomo o espírito de inquietação do modernismo, porém numa chave menos otimista e a partir de outro lugar social”, conceitua.

Mas que características do Modernismo podem ser encontradas na obra? “A exploração de uma outra linguagem: a da oralidade, que retoma com gosto uma dicção que seja possibilidade e vertigem, e que não se deixa encarcerar por nenhuma gramática. Também uma operação com a literatura canônica que não seja reverente: posso reescrever trechos do ‘Cântico dos Cânticos’, do ‘Poeta em Nova Iorque’, de García Lorca, de Poe e Ginsberg, porque fazemos parte de uma mesma fraternidade de almas perturbadas”, observa.

Wilson Alves-Bezerra tem lançado livros onde questiona ou retrata a nova ordem política e social no Brasil e no mundo. Ele entende que isso, de certa forma, está presente neste projeto também. Assim, a escolha dessa linguagem e dessa perspectiva – a dos migrantes, dos expatriados, dos marginalizados – é uma tomada de posição. “Há muitas formas de falar da globalização: a euforia dos neoliberais endinheirados, a crítica feita pelos nacionalismos xenófobos, mas também esta dimensão que trago com *Malangue Malanga* – a das vivências singulares”, enfatiza.

Conforme sua avaliação, a arte é uma linguagem poderosa para fazer frente aos discursos estabelecidos. “A arte tem poder de desarmar o bloco rígido dos consensos, despertar a pessoa da sonolência. Porém, cabe a cada artista fazer ou não essa opção. O imperativo da crítica deve partir de cada consciência e não de



SOBRE O AUTOR

Wilson Alves-Bezerra é autor de *Histórias Zoófilas e outras atrocidades* (EDUFSCar / Oitava Rima); *Vertigens* (Iluminuras, 2015 – Prêmio Jabuti); *O Pau do Brasil* (Urutau, 2016); *Exílio aos olhos* *Exílio às línguas* (Oca - Portugal, 2017), *Cuentos de zoofilia, memoria y muerte* (LOM – Chile, 2018). Traduziu dois romances de Luis Guzmán – *Pele e Osso* (2009) e *Hotel Éden* (2013), ambos pela Iluminuras; sua tradução de *Pele e Osso* foi finalista do Prêmio Jabuti 2010 na categoria Melhor Tradução Literária Espanhol-Português. Traduziu ainda três livros de contos de Horacio Quiroga: *Contos da Selva* (2007), *Cartas de um Caçador* (2007) e *Contos de Amor de Loucura e de Morte* (2014), todos pela Iluminuras. Como ensaísta, lançou *Reverberações da Fronteira em Horacio Quiroga* (Humanitas/FAPESP, 2008) e *Da Clínica do Desejo a Sua Escrita* (Mercado de Letras/FAPESP, 2012). É doutor em literatura comparada pela UERJ, mestre em língua espanhola e literaturas espanhola e hispanoamericana pela USP. Tem escrito a jornais e revistas do Brasil e do exterior: O Estado de S. Paulo, O Globo, Revista Cult, no Brasil; El Universal e ContraRéplica, no México, e Revista Caliban, em Portugal.

um compromisso imposto desde fora, sob o risco de se criarem novos dogmas quanto ao papel de quem se dedica à arte”, comenta ao falar sobre o engajamento político do escritor.

Uma característica inovadora dessa obra é que ela sai por um pool de 15 cartoneras em nove países de várias partes do mundo, um grande presente para o autor. O movimento das editoras cartoneras – cooperativas que trabalham com papelão reciclado para as capas e têm processos de produção artesanais –

é uma das novidades editoriais mais subversivas da virada do século, afirma.

“Com o passar dos anos, as cartoneras – que têm um alcance de circulação circunscrito a seu entorno – passaram a se articular cada vez mais. Em meu caso, sabia de uma edição de 2015 dos poemas de Douglas Diegues, em portunhol, capitaneada pela Vento Norte Cartonero, do editor Fernando Villarraga. Propus ao Fernando que editasse meu livro com uma nova parceria com cartoneras de outros países: ele acolheu a proposta com muita generosidade e ofereceu ao livro a editoras parceiras. Assim, tenho a felicidade de fazer parte desse lançamento que está acontecendo agora em três continentes – África, América Latina e Europa – tendo os livros com padrões e técnicas de capas muito diversos, e processos de produção absolutamente singulares. Um privilégio, claro!”, comemora.

Para Wilson Alves-Bezerra, em momentos de exceção, como o que vivemos no Brasil, a arte ganha outra dimensão, a da resistência. “Uma sociedade embrutecida se dedica menos a fruí-la do que a atacá-la: há tempos não se via artistas, jornalistas, professores e intelectuais tão demonizados, tantos veículos de cultura fechados, tantos meios hegemônicos dificultando a circulação dos objetos artísticos críticos. Por outro lado, há tempos não se viam tantos canais alternativos se abrindo, tantos movimentos de resistência, tantas novas formas de se fazer ouvir. A arte funciona, nesse sentido, como a água represada: podem-se construir barragens, mas ela sempre encontra caminhos alternativos, às gotas, aos jorros, aos borbotões, ou em trombas mais contundentes, não importa. O caso é que não há como detê-la”, completa. ✖

Linaldo Guedes é jornalista e poeta.

Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

Marineuma de Oliveira

Entre parênteses

(O inconfessável
o indizível
o impublicável

o desejo
o sentimento
a vontade

a fuga
os olhos
as mãos

os momentos
os instantes
economizados

a vida
paralela
clandestina)

Entre parênteses.

ILUSTRAÇÃO: SÁVIO



Vaidades das vaidades!

TUDO É VAIDADE

Eduardo Luna

Especial para o *Correio das Artes*

Leitor machadiano, apaixonado pela comédia e pelo vernáculo de Jorge Amado, o jovem estudante iniciara suas incursões pela tradicional livraria há algum tempo, na busca de novos autores e estilos, no afã de deslizar os olhos pelas surpresas literárias que lhe surgiam da empreitada de curiosidade e amor às letras; comedido, restringia o seu recreio a um gole de café, para além do manusear apressado dos livros que, a princípio cortejados nas prateleiras, resultavam apanhados e apreciados com delícia no ambiente de leituras e comércio do agradável estabelecimento.

Assíduo no mencionado sítio, a observar os grupos de conversas formados à roda de si, o nosso pupilo escorria todo o seu tempo disponível e falto de obrigações, de modo que, entre uma e outra aula do colégio, junto a uma xícara fumegante e um bom tomo, refletia a vida, os cos- ▶

▶ tumes e diálogos das gentes que entravam e saíam daquela atmosfera que tanto o prendia; de fato, com os olhos presos às partículas existenciais que povoavam aquele microcosmo intelectual, respondia com timidez aos cumprimentos formais e de estilo, sempre a espreitar os modos dos circunstantes e, sobretudo, captar-lhes os conteúdos íntimos de conversas, conversas estas que, para além do contexto político local, mastigavam muita literatura e discorriam inventivamente sobre a vida alheia, afinal, conforme Eça de Queiroz, “passamos o nosso bendito dia a estampar rótulos definitivos no dorso dos homens e das coisas”¹.

Ocorre que, na dinâmica entusiasmada de suas investidas, uma cerimônia pomposa despertava-lhe viva curiosidade e espanto; atraente, como dotada de uma espécie de ímã a magnetizar o espírito, a referida cerimônia inundava o ambiente e produzia rumores que conduziam à perplexidade e à atenção generalizada; é que os consagrados autores e professores da comunidade, cada qual com o seu título na ponta da língua a estalar fanfarronice e mérito, estes autores, estávamos a dizer, gozavam o direito de plantar estadia no centro destacado do ambiente reservado às leituras particulares e conversas rotineiras, sendo mesmo impossível aos olhos mais desatentos escaparem do aparato montado ao redor das exuberâncias intelectuais que, nitidamente, não exibiam contrariedade às alças de mira que se punham sobre si.

E, sempre surpreso ante a maré de vaidades em marcha, expectador do desfile de idolatrias em excesso, o aprendiz literário surpreendia-se com a fila indiana de bajuladores em torno das sumidades anunciadas, as quais, como dito, imersas num devotamento sem conta, observavam pelo canto dos olhos a realidade circundante, a colher o ar de submissão e encantamento que transfigurava homens cultos e vaidosos em rematados deuses imortais.

Assim, no contexto de adoração irrestrita e vaidades escancaradas, poucos eram os que se

aproximavam dos letrados de primeira ordem, ou, por outra: só os que extraíam alguma consideração social da prateleira das gentes que frequentavam o espaço da livraria; restando aos demais, vale dizer, aos viventes que conferiam número ao recinto, um ar de curiosidade e o espanto frente ao barulho das glórias promulgadas.

Enfim, eis o cenário, os coadjuvantes e protagonistas que permeavam a existência do jovem leitor, o qual, coberto de prudência, sentava-se à distância do burburinho em voga, sem, no entanto, deixar de cravar os olhos surpresos nos doutos escritores que, talqualmente autoridades imperiais, recolhiam a vassalagem deitada no caminho; e, com todas as exterioridades de um receoso decidido, a disparar olhares súplices sobre o coroamento das vaidades em trânsito, o nosso interessado estudante recebia em contrapartida a fixação comovida de um dos lentes do ajuntamento montado; fato este que, excitando-o espiritualmente, dava-lhe ânsias de aproximação e desejo de diálogos na intimidade daquela sabedoria literária que, em meio ao bulício de livros e passantes, rendia-lhe níqueis de atenção e simpatia.

Correndo assim os dias, certa vez, aproveitando-se de inesperada lacuna aberta na roda dos prestigiados autores e professores, a qual se mostrava momentaneamente rarefeita de circunstâncias e manifestações, atirou-se o então destemido calouro das letras à empreitada de conhecer pessoalmente a sumidade cujo nome ressoava nos livros e comentários proferidos no perímetro da livraria; daí decorrendo, conforme as testemunhas que flagraram e recriminaram o fato, a ousadia de um desconhecido noviço que, sem ostentar galão algum e de material escolar em punho, sentou-se à mesa e abriu conversação com um dos maio-

rais que ali pontificava e exalava superioridade.

Transgredido o decálogo moral do ambiente, constatado o exitoso acesso do estudante, que seguia tranqüilo e com muitas palavras rente ao renomado guru, não tardaram os fariseus da ocasião a manifestação de resistência junto ao quadro de impertinência e tão avesso à prática dos grandes intelectuais do templo, pondo-se, assim, a interromper e perturbar a falação que ligava jovem e velho amantes do saber e da literatura.

Habilidosos, como lobos marteiros a rondar abatível presa, persistiam os inconformados fariseus no trabalho de atrapalhamento do atrevimento estudantil, afinal, o singelíssimo estudante, ali postado, ocupava degrau incompatível com o seu perfil carente de títulos ou méritos declamáveis, devendo, portanto, ser advertido e extraído da privacidade dos menestréis da sabedoria que, decididamente, retrucavam investidas providas de tão inferior escalão hierárquico.

Por fim, cessada a conversação, em meio a um sentimento de satisfação frente ao mestre, a convicção do aprendiz exibia bússola no sentido da pronta retirada, sendo forçoso arrepiar carreira porta afora, sem, no entanto, carregar mágoa ou algum constrangimento, dado que a certeza plena que despontara ao final do espetáculo então ocorrido, em cujo palco nosso primeiranista figurou com destaque, a certeza plena que surgira, dizíamos, fora a de que as inteligências literárias, os objetivos da arte ligados aos valores e aspectos sociais, estes últimos, ante a predominância das vaidades e mediocridades humanas, jazem inscritos em letra morta, destituída de eficácia prática e fadada à imaginação de romancistas sinceros que, ao modo do jovem aprendiz, intentam a confecção de um mundo melhor. ❖

Eduardo Luna, advogado criminalista, pós-graduado em Direito Constitucional, mestrando em Ciências Criminais pela Faculdade Autónoma de Lisboa (Portugal).
(1) 'Citações e pensamentos de Eça de Queiroz' / Paulo Neves da Silva (org.) - São Paulo: Leya, 2011, p. 145-146)



Canônicos

Quais os melhores filmes do mundo? Com mil, 500, 100 ou dez títulos sugeridos, as listas pululam nas revistas, livros e sites de cinema de toda parte, de modo a deixar o espectador confuso. A implicação por trás dessas listas é que os filmes escolhidos contribuiriam para a concepção de uma espécie de cânone cinematográfico.

Com intenções canônicas ou não, a sugestão mais famosa e, sobretudo, a mais respeitada, vem do grupo formado pelo *British Film Institute* e a revista *Sight&Sound*, de dez em dez anos, apresenta a sua relação dos dez mais – e isto desde 1952, ou seja, já estamos na sétima lista, sendo a última de 2012.

O que concede respeitabilidade às listas do grupo do *B.F.I. + Sight&Sound* é o rol dos seus votantes, críticos, historiadores, cineastas e outros profissionais da área, originários de toda parte do planeta, todos nomes consagrados. De forma que, mesmo que o espectador não simpatize com o procedimento de “fazer listinhas”, seria insensato não considerar o trabalho do grupo referido.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Evidentemente, toda iniciativa de listar filmes está presa a certas circunstâncias temporais, e a do grupo *B.F.I. + Sight&Sound*, que já recobre mais de meio século, não foge à regra. Digamos, primeiramente, o óbvio: que só se pode votar em filmes realizados até a data da votação. Na primeira edição, em 1952, ninguém poderia ter votado, por exemplo, em *Oito e Meio*, simplesmente porque o filme não existia, como não existia mais da metade do cinema mundial realizado no século 20. O curioso é que na lista de 2012 (veja adiante), a maior parte dos filmes elencados pertence à primeira metade do século.

Além do mais, o tempo não é a única circunstância. Às vezes interferem fatores de ordem histórica ou similares. Caso da obra prima de Orson Welles, *Cidadão Kane* que, desde sua inclusão na lista de 1962, manteve o primeiro lugar, até 2002. Ora, sendo de 1941, ele poderia ter estado na primeira lista, a de 1952, mas não esteve: por quê? Pelo fato de, em virtude da Segunda Guerra Mundial, não ter sido lançado na Europa, sendo até então um ilustre desconhecido do pessoal do *B.F.I. + Sight&Sound*. Caso idêntico se deu com *Um Corpo Que Cai*, hoje no topo da lista, mas que só começou a ter seu nome citado quase duas décadas após seu lançamento em 1958, devido ao fato de, por questões jurídicas, ter ficado fora de circulação até a morte de seu autor, Alfred Hitchcock, em 1981.

Boicotado na lista de 1952, 'Cidadão Kane' se manteve em primeiro lugar entre 1962 e 2002

Como já dito, de 1952 a 2012 o grupo do *B.F.I. + Sight&Sound* compôs sete listas dos dez melhores filmes do mundo. A primeira ideia é que o total seriam setenta filmes, mas, que nada. As re- ▶

imagens amadas

► corências dos títulos são muitas, tantas que reduzem esse suposto total para apenas... 34 títulos. Às vezes até cineastas são repetidos numa mesma lista, casos de Charles Chaplin em 1952, de Orson Welles em 1972, e de Francis Ford Coppola em 2002.

O que vou fazer aqui é apenas comentar brevemente o desempenho de cada um desses filmes dentro das listas, mencionando sua posição (de primeiro a décimo lugar) e sua – se houver – repetição nas listas seguintes, considerando – se houver – as variações de suas posições. Para tanto, seguirei, rigorosamente a cronologia, começando assim meu comentário com o primeiro filme da primeira lista (a de 1952, não esqueçamos) e terminando com o último filme da última lista (a de 2012).

O filme em primeira posição na lista de 1952 é *Ladrões de Bicicleta*, de 1948. Considerado um marco do neo-realismo italiano, este comovente drama de Vittorio DeSica apareceria ainda, rebaixado para o sétimo lugar, na lista de 1962, e nunca mais seria indicado nas listas posteriores. O segundo e terceiro lugares são para dois filmes de Chaplin, respectivamente, *Luzes da Cidade* e *Em Busca do Ouro*, os quais não iriam aparecer mais, em lista alguma.

Já o quarto lugar foi para um filme cuja indicação seria repetida nada menos que seis vezes: quarto lugar em 1952, sexto em 1962, terceiro em 1973, sexto de novo em 1982, nono em 1992 e finalmente, segundo lugar em 2002. Refiro-me a *O Encouraçado Potemkin*, do russo Sergei Eisenstein. O quinto lugar é do longa-metragem, superprodução de D.W. Griffith, *Intolerância* (1919), sem repetição em outras listas.

No sexto lugar, *A História de Louisiana* (Robert Flaherty, 1948) também não conseguiu repetição de votos. Já *Ouro e Maldição* (Erich von Stroheim, 1924), em sétimo lugar, teve voto repetido em 1962, no quarto. *Trágico Amanhecer* (Marcel Carné, 1939) é o oitavo posicionado nesta lista e não foi mais mencionado em lista



Marco do neo-realismo italiano, drama de Vittorio DeSica encabeçava a lista em 1952



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Ainda em 1952, Chaplin ocupava a segunda e terceira posições com 'Luzes da Cidade' (foto) e 'Em Busca do Ouro', respectivamente

alguma. A nona posição é de um dos favoritos dos votantes, *O Martírio de Joana d'Arc* (1928), do dinamarquês Carl Dreyer, reaparecendo em sétimo lugar em 1972, de novo em sétimo em 1992 e em nono em 2012.

Com relação ao décimo lugar ocorreu um empate tríplice entre *Desencanto* (David Lean, 1945), *O Milhão* (René Clair, 1931) e *A Regra do Jogo* (Jean Renoir, 1939). Os filmes de Lean e Clair não teriam lugar em listas posteriores, enquanto que o de Renoir é o único filme que conseguiu menções em todas as listas do B.F.I. + *Sight&Sound*, superando

imagens amadas

► em recorrência até o campeão de preferência *Cidadão Kane*. Acompanhem: décimo em 1952, terceiro em 1963, segundo em 1972, segundo em 1982, segundo em 1992, segundo em 2002 e, finalmente, quarto em 2012. Portanto, sete menções em sete listas. Um recorde.

Com isso, podemos passar à segunda lista do *B.F.I. + Sight&Sound*, a de 1962. Lembrando que, a partir deste ano, deixaremos de referir os filmes já mencionados nas listas dos anos anteriores.

Como já dito, é nesta lista que *Cidadão Kane* (1941) aparece pela primeira vez e inicia sua brilhante carreira na condição quase imbatível de “o filme mais perfeito já feito”. No privilegiado primeiro lugar deste ano, ele também será votado assim em 1972, 1982, 1992 e 2002. Só em 2012 perde essa posição (para *Um corpo que cai*) e desce para o segundo lugar.

O segundo lugar deste ano vai para o italiano *A Aventura*, de Michelangelo Antonioni (1960), que passará a quinto posicionado em 1972, e sétimo em 1982, para, depois disso, desaparecer. *Contos da Lua Vaga*, do japonês Kenji Mizoguchi (1952) ocupa o quinto lugar neste ano, e o décimo na lista de 1972. *Ivan O Terrível*, de Sergei Eisenstein (1944), toma o oitavo lugar, sendo esta a sua única aparição. Também com uma única aparição está, em nono lugar, o *La Terra Trema*, de Luchino Visconti (1948). Já o clássico *L'Atalante*, de Jean Vigo (1934) fica este ano em décima posição, passando à sexta, três décadas depois, em 1992.

Da lista da década seguinte, 1972, os três primeiros lugares já foram comentados, e passamos, portanto ao quarto lugar, que é do italiano *Oito e Meio*, de Federico Fellini, repetido em 1982 (quinto lugar), em 2002 (nono lugar) e 2012 (décimo lugar). Em seguida vem *A general*, em oitavo lugar, e nono na lista de 1982. O nono da década vai ser *Soberba*, seguido de *Morangos silvestres*, este em décima posição.

Na lista de 1982 as novidades são: *Os Sete Samurais* em tercei-

ro lugar, sem repetição em listas seguintes; *Cantando na Chuva*, em quarto, repetido em 2002 em décimo lugar. Como dito acima, é neste ano que *Um Corpo que Cai* é votado pela primeira vez, no caso em nono lugar, passando a quarto em 1992, a segundo em 2002, e finalmente a primeiro lugar em 2012, destronando o quase imbatível *Cidadão Kane*. Esta também é a primeira votação para *Rastros de Ódio* (décimo lugar), que será votado de novo em 1992 (quinto) e 2012 (sétimo). Aqui cabe registrar que este é o único western a ser escolhido pela equipe da *B.F.I. + Sight&Sound*.

Em 1992 os novos votados foram três: o japonês *Era uma Vez em Tóquio*, de Yasujiro Ozu (terceiro lugar), que terá repetição nas décadas seguintes, no caso, sexto em 2002, e terceiro em 2012; o indiano *A Canção da Estrada*, de Satyajit Ray, em oitavo lugar, sem repetição nas décadas seguintes. A décima colocação desta lista vai para *2001 - Uma Odisseia no Espaço*, o qual permanecerá nas décadas seguintes: em sétimo lugar em 2002 e em sexto em 2012.

Em 2002 são introduzidos *O Poderoso Chefão* (em quarto lugar) e *O Poderoso Chefão II* (em quinto lugar), ambos sem repetição em listas seguintes. A outra novidade

de desta década será o *Aurora* de Murnau, (em nono lugar), repetido em 2012 em quinto lugar.

A por enquanto última lista do *B.F.I. + Sight&Sound*, a de 2012, trouxe uma única novidade e uma novidade bem antiga: o documentário do russo DzigaVertov, de 1929, *Um Homem Com Uma Câmera*, colocado em oitavo lugar. Aliás, como já comentado, esta é uma lista de dez filmes antigos, sendo o mais moderno de 1968. Tanto é assim que, na ocasião de sua divulgação, publiquei, neste *Correio das Artes*, matéria de título “Quanto mais velho melhor”. Para efeito de ilustração, faço a reprodução desta lista, indicando os anos de lançamento:

Um Corpo que Cai, 1958
Cidadão Kane, 1941
Era Uma Vez em Tóquio, 1953
A Regra do Jogo, 1939
Aurora, 1927
2001 - Uma Odisseia no Espaço, 1968
Rastros de Ódio, 1956
Um Homem Com Uma Câmera, 1929
A Paixão de Joana D'Arc, 1928
Oito e Meio, 1963

Quem considera o conjunto das sete listas do *B.F.I. + Sight&Sound* (recordando: 34 fil- ►



'O Poderoso Chefão' (foto) só foi alcançar a lista em 2002, junto com 'O Poderoso Chefão II'

imagens amadas

► mes votados no período de seis décadas) pode não ficar satisfeito com as escolhas – o que é mais do que esperável e mais do que compreensível. Acho que ao cinéfilo ocorrem ausências incômodas. Por exemplo: nunca houve voto para *O Anjo Azul*, *Crepúsculo dos Deuses*, *Casablanca*, *A Felicidade Não Se Compra*, *Vidas Amargas*, *Hiroshima Meu Amor*, *Jules et Jim*, etc... E mesmo um “xodó” da crítica como *O Ano Passado em Marienbad* nunca foi mencionado. Um filme que traz a fama de haver ensinado o cinema a se expressar semioticamente, *O Nascimento de Uma Nação* (D. W. Griffith, 1915) tampouco teve voto.

No geral, o que caracteriza os filmes da *B.F.I. + Sight&Sound*? Difícil dizer, a não ser que se alegue a qualidade. No que toca aos gêneros, há de quase tudo – do documental à comédia, do épico à ficção científica – mas, o gênero mais frequente parece ser mesmo o drama, ou se for o caso, o filme sem gênero definido. Mesmo nas listas mais atuais, as décadas privilegiadas são, primordialmente, as mais antigas, conforme fica claro na lista de 2012, acima reproduzida. Feito o cômputo geral, a primeira metade do Século 20 ganha, e muito bem, da segunda metade. E, claro, o novo milênio (mesmo na lista de 2012) é elegantemente ignorado.

Com relação às nacionalidades, estas variam, mas nem tanto. Não há, por exemplo, nestas trinta e quatro obras cinematográficas de que estamos tratando, filmes latino-americanos, nem africanos, e os asiáticos são em número reduzido: alguns soviéticos, alguns japoneses e um indiano. Se pensarmos naquela famosa dicotomia da crítica historiográfica, que separa o Cinema Clássico Americano do Cinema de Arte Europeu, vamos ter um interessante empate: exatamente treze filmes para cada lado da dicotomia. Para fechar esta matéria, cito, na ordem das aparições nas listas, estes vinte e seis filmes:

CINEMA DE ARTE EUROPEU

Ladrões de Bicicleta; Trágico Amanhecer; A Paixão de Joana D’Arc; Desencanto; A Regra do Jogo; O Milhão; A Aventura; A Terra Treme; L’Atalante; Persona; Morangos Silvestres; Oito e Meio; Aurora.

CINEMA CLÁSSICO AMERICANO

Luzes da Cidade; Em Busca do Ouro; Intolerância; Ouro e Maldição; Cidadão Kane; A General, Soberba; Cantando na Chuva; Um Corpo Que Cai; Rastros de Ódio; 2001 – Uma Odisseia No Espaço; O Poderoso Chefão; O Poderoso Chefão II. ❖

FOTOS: DIVULGAÇÃO



'2001 – Uma Odisseia No Espaço' alcançou a lista em 1992, e nela permaneceu em 2002 e 2012



'Um Corpo Que Cai' ocupa o topo da lista, atualmente, mas por questões jurídicas, só começou a ter seu nome citado duas décadas depois de lançado



'DR' EM CONTRASTES

A arte que ilustra esta página é do desenhista paraibano samueldegois. Ela integra uma série chamada "DR", que ele publica às quartas-feiras em sua página no Instagram (@samueldegois). "Ela define o que se tornou meu estilo ao longo dos anos, até aqui", comenta a respeito do trabalho, cuja série chegou a ganhar um prêmio do MIS (Museu da Imagem e do Som) durante a Feira Des.gráfica 2017. Como prêmio, ele publicou um livro com o trabalho.

"Eu tenho uma relação muito carinhosa com a série, como um todo, por ela representar um ponto de partida da minha carreira atual. Desde então, meu trabalho cresceu e ganhou mais popularidade", acrescenta o artista.

Nela, estão contidas referências e elementos que são comuns no trabalho de samueldegois. "Aqui eu faço uma relação com pintura, com literatura, com cinema, eu consigo fazer legal o contraste da discussão, afinal a 'DR' é uma discussão de relacionamento, então esses rostos sempre fazem essas sobreposições, esses contrastes e, para mim, esse é um dos trabalhos que eu fiz que melhor alcançam esses resultados.

samueldegois é Samuel Gois, paraibano da capital João Pessoa. Nasceu no meio dos anos 180. Pública tiras na internet desde 2004 e já participou de várias coletâneas. Publicou alguns livros e fanzines de forma independente e além de ter sido selecionado para a Des.gráfica 2017, concorreu ao Prêmio HQ Mix como melhor webtira em 2018.





126
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do Mundo. São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 126 anos de história

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornaluniao@gmail.com

Peça o seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniao@gmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@gmail.com

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162